

WALDIRENE SAWOZUK BELLARDO

**A DIMENSÃO ESTÉTICA NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO: EM BUSCA DA FORMAÇÃO PLENAMENTE
HUMANA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de aprovação, do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, do DEPLAE, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Rose Meri Trojan

CURITIBA
2000

“A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. **Decência e boniteza de mãos dadas.**”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Análise do espaço da escola: levantamento de indicadores de ação.....	05
Uma experiência (intencional) de interferência no espaço: testando uma hipótese.....	10
A dimensão estética do espaço escolar: transformando e formando os sentidos humanos..	21
Considerações finais.....	32
Referências bibliográficas.....	36
Anexos	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estruturou-se mediante a finalidade de analisar as determinações do espaço físico na educação dos sentidos, estabelecendo relações que permitam demonstrar a influência da organização do cotidiano escolar na formação estética.

A sensibilidade estética, assim como a construção dos sentidos verdadeiramente humanos, não se concretizam naturalmente, exigem do homem a capacidade de contemplação e gozo, alcançado na relação estética em que o sujeito, ao forjar no objeto a totalidade de sua riqueza humana, satisfaz uma necessidade especificamente humana, construindo objetos e espaços que tornam-se universais, pois passam a conter a essência do homem: o poder de criação.

A capacidade de contemplação, na qual o objeto apresenta-se como um todo concreto-sensível, capaz de recriar com novos significados a subjetividade humana já materializada no objeto, está intimamente relacionada com a produção social dos sentidos humanos, superando a condição natural dos órgãos dos sentidos.

Nesta perspectiva, a educação estética se faz presente na organização intencional do espaço físico, ampliando a constituição plenamente humana dos sujeitos que a freqüentam, mediante a compreensão enriquecida do cotidiano escolar, transformando o espaço físico em espaço humano e explicitando objetivamente as marcas da criação ao transformar a realidade e dotar os objetos e espaços de qualidades que não lhes pertencem naturalmente.

A forma capitalista de produção da existência humana extrai do homem a capacidade de trabalho criativo, impondo-lhe a condição de trabalhador alienado. Ao não reconhecer as suas marcas, marcas humanas, na sua produção, o homem vai se distanciando da sua condição humana, presente na essência do trabalho criador.

O poder de criação do homem explicita-se na criação de objetos humanizados, fundando-se numa praxis originária, pois a prática é uma dimensão do homem como ser ativo, criador, e, portanto, a prática é criação ou instauração de uma nova realidade interior e exterior. (TROJAN, 1.996, mimeo)

Ao assumir este caráter transformador, de ação e modificação, a praxis criadora, presente na construção estética do espaço físico escolar, revela-se muito além de uma atividade apenas funcional, prático-utilitária, mas que envolve uma atividade subjetiva ou espiritual e vai além, aproximando-se e objetivando-se no trabalho humano, de tal forma que o trabalho pedagógico, enquanto atividade intencional, não pode desprender-se dela.

Isto significa que o trabalho criador responde à satisfação de uma necessidade humana específica, sendo que a “riqueza de necessidades humanas” determina a possibilidade de criação de um modo humano de existência, de produção de novos objetos, de objetos humanos; possibilidade de afirmação e enriquecimento da essência humana, por meio do desenvolvimento da dimensão estética.

Compreender como a dimensão estética se manifesta no espaço físico, como necessidade de educação dos sentidos e de contemplação, portanto, é fundamental para garantir a todos a sua condição de ser humano, objeto precípuo da educação em geral e desenvolvido no interior das instituições escolares, em particular.

Por isso o homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar, mas também com todos os sentidos. Por outro lado, e subjetivamente considerado: é primeiramente a música que desperta o sentido musical do homem; para o ouvido não musical a mais bela música não tem sentido algum, não é objeto, porque meu objeto só pode ser a configuração de uma de minhas forças essenciais, isto é, só é para mim na medida em que minha força essencial é para si, como capacidade subjetiva, porque o sentido do objeto para mim chega justamente até onde chega meu sentido; por isso também os sentidos do homem social são distintos do não social. É somente graças à riqueza objetivamente desenvolvida da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva é em parte cultivada, e é em parte criada, que o ouvido torna-se musical, que o olho percebe a beleza da forma, em resumo, que os sentidos tornam-se capazes de gozo humano, tornam-se sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas. (...) A objetivação da essência humana, tanto no aspecto teórico como no aspecto prático, é, pois, necessária, tanto para tornar humano o sentido do homem, como para criar o sentido humano correspondente à riqueza plena da essência humana e natural. (MARX, 1.987, p.178)

Para demonstrar como a riqueza da essência humana é produzida socialmente, numa relação indissociável de criação objetiva e recriação subjetiva, esta pesquisa, realizada através de estudo de caso, se propôs descrever o espaço físico de uma escola municipal de Curitiba, seu processo de organização e sua influência na formação dos sentidos e na construção do estético como dimensão responsável pelo gozo artístico.

Desse modo, buscou-se descrever o espaço físico da escola, através de observações, para analisar como ele estava organizado e quais eram os elementos que compunham este espaço, cor, cartazes e murais (tamanhos, letras, cores, informações, a quem se destinam,...), móveis. Depois foram realizadas duas entrevistas, com grupos de cinco alunos de cada uma das quinze salas de aula da escola; sendo que a segunda entrevista só ocorreu após uma interferência estética no espaço físico.

Durante a primeira entrevista pode-se identificar como o espaço físico, na sua cotidianidade, não possibilita a formação intencional dos sentidos plenamente humanos, pois

carece de significação e intencionalidade, ao não constituir-se esteticamente – em seu sentido técnico e humano – deseduca o olhar.

Para explicitar as determinações do espaço físico, em sua estética, na formação dos sentidos, especificamente na educação do olhar, após a primeira entrevista realizou-se uma interferência / mudança no espaço físico desta escola. Para organizar esta mudança foi realizado um sorteio e escolhido um grupo apenas dos que participaram da entrevista. Junto com a turma que pertencia a este grupo foi realizado um estudo direcionado sobre o espaço da sala e foi realizada a proposta de construção de um mural que ficava no pátio externo da escola.

Para construir este mural foi discutido o assunto, as letras, tamanho, cor, intencionalidade, seleção de gravuras, figura/fundo, distância que deve ser visto, tempo que deve permanecer, rotatividade dos trabalhos expostos,...

Durante a construção e permanência do mural observou-se um grande envolvimento dos alunos, mesmo dos que não estavam participando de sua elaboração. Na segunda semana, ao mudarmos o mural, percebeu-se o interesse de muitas crianças em observar o que havia sido colocado no mural, essa curiosidade passou a ser vista todos os dias; antes de entrarem em sala de aula os alunos passam para ver o mural.

Ao final da segunda semana, que correspondia ao período de interferência no espaço, foi realizada uma nova entrevista com os mesmos grupos que haviam participado da primeira.

Nesta segunda entrevista, foi possível perceber a necessidade de participar ativamente da construção estética do espaço, pois embora todos os grupos entrevistados tenham descrito com detalhes os murais, apenas o grupo que participou da interferência do espaço respondeu que houve uma mudança significativa na escola, para os outros grupos não houve alteração em sua prática social no interior da escola, embora eles tenham vivenciado a mudança no espaço.

Estes aspectos ressaltam a necessidade da participação ativa, plena, com todos os sentidos, de todos os alunos, na construção do cotidiano escolar.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina, também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. (HELLER, 1.972, P.17)

ANÁLISE DO ESPAÇO DA ESCOLA : LEVANTAMENTO DE INDICADORES DE AÇÃO

Toda mudança na organização do trabalho educativo traz conseqüências sérias nas dimensões que envolvem o processo pedagógico, desde a concepção de educador e aluno até à organização do espaço físico e das relações interpessoais na escola.

Isso ocorre porque estamos tão acostumados com o cotidiano escolar e sua forma de organização que ela passa a fazer parte de nosso imaginário, imprimindo suas marcas, nos formando e construindo uma cultura educacional que, muitas vezes, nos impede de perceber que todos os nossos atos são educativos, forjam marcas nos sujeitos que participam desta instituição marcas estas que ultrapassam a esfera dos conteúdos de sala de aula.

A prática educativa pode reforçar velhas concepções, mas pode também questioná-las e, dependendo da natureza das práticas, pode formar novos sujeitos, novos profissionais. Recentemente, as escolas municipais de Curitiba passaram por um processo de mudança, de desconstrução da organização seriada e de sua lógica à organização do trabalho em Ciclos de Aprendizagem, centrada nas temporalidades ou nos Ciclos do Desenvolvimento Humano.

Ao se pretender introduzir uma nova prática educativa no interior das escolas, que vise a formação plenamente humana dos sujeitos culturais que a freqüentam, é preciso redimensionar o ato educativo a todas as dimensões do desenvolvimento humano – o cognitivo, o ético, o político, o cultural e o estético – construindo novas práticas, novas metodologias, novo currículo e nova organização dos espaços escolares.

A questão central que se coloca aqui é exatamente sobre a organização do espaço físico como elemento formador dos sentidos humanos, da dimensão estética. Para tanto, precisa-se refletir sobre este espaço, sua disposição e constituição, bem como sobre a intencionalidade ou não de sua organização.

Os prédios escolares parecem não se diferenciar muito uns dos outros, a não ser pelo número de salas e pelas informações em seus editais e/ou murais. Mas qual seria a influência deste espaço na educação/formação dos alunos, professores e funcionários? Em que medida o espaço representa um determinante significativo na formação estética? Que aspectos devem ser pensados e priorizados em sua organização?

Estes questionamentos, gerados pela necessidade de compreender a dimensão estética na organização do trabalho pedagógico, foram determinantes no estudo sistemático do espaço físico como um dos elementos de formação dos sentidos, a partir do qual desenvolveu-se esta pesquisa.

O espaço físico da escola municipal, alvo deste estudo, está disposto numa área de 3.469,76m², onde o prédio escolar corresponde a uma área de 1.138,76m², com quinze salas de aula separadas em dois blocos.

O primeiro bloco, próximo à entrada da frente da escola, possui seis salas de aula e uma sala de recuperação de 9,50m².

No segundo bloco, há mais oito salas de aula e uma de informática, além de duas casas de madeira paralelas a este bloco, construídas pela comunidade, onde funcionam turmas de pré-escolar; as salas de aula correspondem a 635,20m². No segundo bloco, além das salas há o espaço da direção com 10,88m², a secretaria com 12,16m², o almoxarifado com 12,24m², mecanografia 6,66m², sala da supervisão escolar 12,92m², sala de professores com 20,16m² (estes dois últimos espaços foram abertos e formam, hoje, uma única sala, onde a equipe pedagógica e o corpo docente reúnem-se nas permanências para organizar o trabalho pedagógico) e sala de inspetoras 11,20m².

O pátio coberto tem 175,86m², há 140,80m² de calçada e 48,77m² de área de circulação coberta, além de duas canchas abertas, uma de cimento e uma de areia. Ao lado da entrada principal da escola também existe o farol do saber, que está incluso numa área que possui várias árvores e área verde.

As salas de aula possuem todas o mesmo tamanho e forma, com aproximadamente quarenta carteiras e cadeiras (algumas salas possuem carteiras e cadeiras amontoadas no fundo da sala), um quadro de giz na frente, um mural no fundo, janelas de um lado e armários embutidos do outro, um ventilador no teto, um cesto de lixo ao lado da porta, uma carteira maior para o professor e contam em média com trinta e cinco alunos nos períodos da manhã e tarde e aproximadamente cinquenta no período noturno (ensino supletivo, níveis Fundamental e Médio) o que leva ao excesso de carteiras amontoadas no corredor e nas salas de aula durante o dia.

No interior das salas de aula observou-se que os murais e as paredes possuíam alguns cartazes e/ou trabalhos de alunos, porém estavam expostos de forma aleatória, sem nenhum planejamento intencional do espaço nem preocupação estética em sua organização, o

que ocasionou inclusive, a perda da finalidade pedagógica (cognitiva), pois a forma não possibilitou a explicitação do conteúdo.

No confronto entre as fotos – que ilustram a pseudo organização das salas de aula – e os relatos dos alunos entrevistados para esta pesquisa, percebe-se a íntima relação de determinância que existe entre forma e conteúdo, ou seja, entre a estética e a formação humana, cultural e social. As fotos estarão em anexo que corresponde ao número utilizado neste texto.

Na foto 1 a Carta de Pero Vaz de Caminha que aparece na parede do fundo da sala, ao lado do mural, além de estar situada numa altura superior à condição dos alunos para poder enxergar, o texto é extenso demais e possui letras muito pequenas. Se o objetivo era ler/conhecer o conteúdo da carta, deveriam haver destaques da mesma em letras grandes, que pudessem ser vistas a uma distância de aproximadamente sete metros, para que todos os alunos tivessem acesso àquelas informações. Durante a entrevista, ao serem questionados sobre o quê havia exposto na sala de aula, nenhum aluno desta turma mencionou a Carta de Pero Vaz de Caminha.

O mural que aparece na foto 2 demonstra que não houve preocupação em dispor os trabalhos de modo a aproveitar esteticamente o espaço. Ademais, não é possível visualizar as gravuras e os trabalhos escritos estando na parte da frente da sala de aula. Os painéis elaborados com papel Kraft ficaram escondidos atrás das carteiras amontoadas no fundo da sala.

Em algumas salas fotos 3,4 e 5, percebe-se a preocupação do professor em enfeitar a sala, criando um ambiente mais colorido, entretanto a falta de conhecimento estético impossibilita a construção intencional de um espaço que construa a formação dos sentidos no cotidiano escolar, pois as figuras coladas aleatoriamente nas paredes e/ou murais das salas não estabelecem um cotidiano capaz de educar o olhar.

Na foto 4 também nota-se que não é possível enxergar e discriminar as letras presentes nos dois cartazes, interferindo na aprendizagem dos alunos, pois os mesmos deveriam servir de referenciais para serem consultados por todos da sala independente da distância em que se encontrassem nela.

Ao contrário, na foto 5 um aspecto a ressaltar é a importância do tamanho e cor das letras e números do cartaz ao lado direito do mural que, mesmo estando do lado oposto da sala, é possível enxergá-lo com clareza. Isto evidencia a necessária articulação entre forma e

conteúdo na busca da efetivação plena das finalidades pedagógicas, pois nas entrevistas com os alunos este cartaz foi um dos mais mencionados pelos alunos desta turma.

Nas fotos 6, 7, 8, 9 e 10 torna-se explícita a dificuldade em visualizar as informações e/ou gravuras, pelo tipo e tamanho da letra, fazendo com que estes materiais percam sua função pedagógica, tornando-os completamente dispensáveis. Nas fotos 6 e 8 os murais encontram-se vazios, sendo que nesta última além de um mapa pregado na parede ao lado do mural, percebe-se um trabalho pendurado próximo a janela e que fica praticamente escondido pela cortina da sala.

A falta de conhecimento estético do professor condiciona duplamente a organização do trabalho pedagógico, tornando-o insensível à necessidade da formação estética dos alunos e, conseqüentemente, não sensível ao planejamento e organização do espaço, não percebendo as barreiras que isto representa no processo de apropriação do conhecimento, na construção cultural dos sujeitos. A falta de sensibilidade é generalizada e aparece em vários materiais reproduzidos por meio de estêncil entregue aos alunos, onde algumas letras ficavam apagadas, com traçado imperfeito, sem margem, textos ‘apertados’; nos textos trabalhados (em cartazes) com os alunos, apesar da variedade de tipologia textual não havia preocupação em discutir a estética da escrita presente nos diferentes gêneros discursivos, nem em preservá-la ao transpor o texto para um cartaz.

Nas fotos 11 e 12 os cartazes e mapas além de estarem em tamanhos impróprios ficam escondidos atrás da televisão. Na foto 13 o alfabeto, que ocupa toda a parede de fundo e parte das laterais, impossibilita a discriminação de todas as letras, em função da cor, sendo que as ilustrações usadas para estabelecer a relação com as letras não são visíveis pelos alunos que sentam nas carteiras da frente.

Na foto 14 os cartazes encontram-se mal pregados e escondidos atrás da porta, as ilustrações também tornam-se imperceptíveis do meio para o fundo da sala. Nas fotos 15 e 16, nos cartazes com o alfabeto e as ilustrações, a letra , pelo seu tamanho e cor amarela, só é identificada por quem encontra-se na primeira carteira, distância em que foi tirada a foto 16.. Nestas mesmas fotos é possível identificar com clareza e precisão as letras que estão no mural, entretanto o nome dos alunos – que estabelecem as relações com estas letras – não são visíveis a partir da terceira carteira.

O painel da foto 17 já demonstra preocupação com a organização estética do espaço, entretanto sua funcionalidade pode tornar-se comprometida, porque todos os trabalhos

estão expostos simultaneamente e permanecem ali por muito tempo, fazendo com que esta rotina não chame a atenção dos alunos, pois os textos são sempre os mesmos. Ao analisar esta situação, uma das maneiras de tornar a rotina educativa, capaz de educar o olhar seria expor poucos trabalhos de cada vez, sendo que os mesmos seriam trocados diariamente, isto criaria uma expectativa nos alunos que os conduziria cotidianamente ao painel.

Nos corredoras da escola, onde circulam alunos, professores, funcionários e pais, os murais encontram-se vazios, com alguns cartazes afixados aleatoriamente, sem indicações ou contextualização, como demonstram as fotos 18 , 19, 20 e 21, sendo que na foto 19 também se vê carteiras amontoadas e parede descascada (soltando a tinta). Na foto 22, os trabalhos ali expostos estão mal colados e já encontram-se neste local há muito tempo, perdendo sua função. Ao lado deste painel o que se observa são escadas, armação de ferro e biombo, objetos largados no corredor que além de oferecer perigo, poluem visualmente o espaço, sendo que o biombo poderia ser usado na construção estética deste mesmo espaço.

Na foto 23 aparece o edital dos professores. Ao serem interrogados, em entrevista para esta pesquisa, sobre que assuntos estavam fixados no edital, nenhum professor soube responder. Ao analisar as informações constantes do mesmo, descobriu-se papéis que já estavam ali há três meses. As fotos 24 e 25 ilustram a organização e o espaço da sala dos professores e a foto 26 a sala da direção.

Os banheiros foram os espaços considerados mais feios pelos alunos, sendo que as reclamações referiam-se a limpeza e aos diversos objetos deixados por lá, como aparece nas fotos 27 e 28.

Na foto 29 é possível observar o muro da escola , é um espaço grande e mal aproveitado, pois poderia conter composições artísticas construídas pelas crianças. O local de entrada da escola possui um espaço próprio para cultivo de flores que está desativado, como aparece na foto 30. Nas fotos 31, 32 e 33, laterais da entrada da frente da escola, aparecem os lugares considerados mais bonitos pelas crianças e mesmo assim, ali se encontram cones de trânsito depositado em seu interior. Na foto 34 vê-se a fachada da escola que, apesar da cor, é vista pelos alunos e pela comunidade em geral como uma escola bonita e bem conservada, sendo este um dos motivos que leva à grande procura por vagas nesta instituição.

Portanto, outro aspecto importante na caracterização deste espaço é que, em fichas preenchidas pela comunidade, um dos primeiros motivos pela procura desta escola (é uma das escolas mais procuradas da região, havendo lista de espera por vaga e filas, dias antes

do início das matrículas) é justamente pela beleza da escola, os pais a consideram bonita e bem conservada. Depois é que aparecem a localização, qualidade do trabalho pedagógico, etc..

Estes dados demonstram que, mesmo sem clareza teórica, os pais , ao escolherem a escola de seus filhos, estabelecem a necessária articulação entre forma e conteúdo, mesmo que inconscientemente, apontando à necessidade da formação e do desenvolvimento da dimensão estética.

A partir desta análise, pode-se perceber que a estética é dimensão determinante no processo de humanização dos sujeitos e que a falta de conhecimento sobre a mesma limita a possibilidade de se efetivar a finalidade pedagógica da prática educativa. A relação íntima entre forma e conteúdo deve explicitar-se concretamente na organização do espaço físico.

No próximo capítulo será descrito em detalhes a interferência no espaço e as relações , determinações e transformações provocadas neste processo de mediação.

UMA EXPERIÊNCIA (intencional) DE INTERFERÊNCIA NO ESPAÇO:

TESTANDO UMA HIPÓTESE

A interferência realizada no espaço físico da escola buscou demonstrar a importância da organização estética deste na educação dos sentidos. A organização estética do espaço educa os sentidos na medida em que amplia e materializa a compreensão do que é plenamente humano, expressando a realidade ao mesmo tempo em que a cria, mais humanizada e mais bela, por meio do trabalho. Foi o trabalho que permitiu ao homem distanciar-se da natureza e criar objetos propriamente humanos e os sentidos necessários à sua apropriação.

É social e historicamente que o homem desenvolve e cria os seus sentidos. A partir da criação de novos objetos e novas necessidades, quando estes se enriquecem e se tornam mais complexos, que adquirem a possibilidade de criar objetos que explicitam sua subjetividade, sua humanidade, criando o sentido propriamente humano.

A sensibilidade estética, desenvolvida nesse processo de construção dos sentidos humanos, como afirmação do homem, aparece quando:

...a sensibilidade humana se enriqueceu a tal ponto que o objeto é, primária e essencialmente, realidade humana, realidade das forças essenciais humanas. As qualidades dos objetos são percebidas como qualidades estéticas quando são captadas sem uma significação utilitária direta, ou seja, como expressão da essência do próprio homem. A criação artística e, em geral, a relação estética com as coisas é fruto de toda a história da humanidade e, por sua vez, é uma das formas mais elevadas de afirmação do homem no mundo objetivo.” (KOSIK, 1976,p.118)

Portanto, torna-se imprescindível pensar e organizar deliberadamente o espaço físico escolar. pois este é um dos determinantes responsáveis pelo processo de formação plenamente humana, através da educação dos sentidos, que não pode restringir-se às aulas de Educação Artística, mas deve fazer-se presente em todas as práticas desenvolvidas na escola.

Durante as entrevistas e a interferência no espaço físico escolar, percebeu-se como ele determina a construção dos sentidos, sendo um dos elementos necessários à formação estética, pois através da criação de um mundo humano, de objetos humanos, de espaços que expressam a criação humana, o homem cria e produz a si mesmo por meio do trabalho, superando a mercantilização das relações sociais impostas pelo modelo capitalista de produção.

E, buscando o humano, o humano perdido, Marx encontra o estético como um reduto da verdadeira existência humana, e não apenas como um seu reduto, mas como uma esfera essencial. Se o homem é atividade criadora, não poderia deixar de estetizar o mundo – assimilá-lo artisticamente – sem renunciar à sua condição humana. (VÁZQUEZ, 1978, p.52)

Desta maneira, para realizar uma análise comparativa sobre a determinação do espaço na educação dos sentidos, foram realizadas duas entrevistas (a primeira antes e a segunda entrevista após a interferência no espaço) com grupos de cinco crianças de cada sala, num total de setenta e cinco.

Estes alunos, em número de cinco, de cada uma das quinze salas de aula desta escola, foram escolhidos mediante os seguintes critérios: o aluno que apresenta mais facilidade de aprendizagem, outro que tenha mais dificuldade em aprender, o mais ativo, o mais apático e o mais interessado. Estes critérios foram utilizados para que a amostragem não sofresse interferência direta correlacionada à personalidade ou desenvolvimento cognitivo dos alunos, que, portanto, se constituíram de forma bastante heterogênea.

Na primeira entrevista, procurou-se perceber quais eram as impressões dos alunos sobre o espaço físico da escola, analisando a interferência deste cotidiano na formação estética destas crianças. A entrevista semi-estruturada tinha como roteiro as seguintes questões, que foram realizadas com os quinze grupos de cinco alunos de cada sala de aula:

- 1-Quem organiza, arruma, a sala de aula? (paredes, carteiras, mural, cartazes,...);
- 2-O que tem na sala de aula de vocês?
- 3-Na escola, vocês lembram-se do que há nas paredes, murais, como ela está organizada?
- 4-Por que será que estes objetos (que os alunos relataram nas duas questões anteriores) estão afixados nas paredes e/ou murais e fazem parte da escola?
- 5-Qual é o lugar que vocês consideram mais bonito na escola? Por que?
- 6-Qual é o lugar que vocês consideram mais feio na escola? Por que?
- 7-Vocês lembram de alguma coisa (cartaz, exposições, trabalhos,...) muito bonito ou diferente, que já esteve nesta escola? Que já fez parte deste espaço físico?

Os dados relatados a seguir referem-se à primeira entrevista.

Ao serem questionados sobre a organização do espaço interno da sala de aula, sessenta crianças responderam que é a professora quem o organiza e apenas em três salas há a participação dos alunos. Para relatarmos o que havia em sala, nas paredes, murais,..., todos os grupos souberam descrever o que estava exposto na sala e o que fazia parte do espaço escolar, entretanto nas salas onde havia a participação dos alunos, em sua organização, a descrição foi mais detalhada, como podemos perceber neste depoimento:

“Nossos trabalhos, texto do pato, uma centopéia que tem todas as letras do alfabeto, desenhos do pato que a gente escreveu e desenhou, tem os números que vai até o cem num cartaz só, tem o homem da caverna, o planeta Terra, tem um mural com a turma da Mônica e o nome dos amiguinhos dela e um texto que fala do Mauricio de Sousa que criou a Mônica.”(Guilherme, ciclo I)

Nas outras salas as respostas reduziram-se a:

“Cartaz das regras da sala e do Dica Feliz” (Ana Paula, ciclo II)

“Tem um pato e umas letras” (Edson, ciclo I)

“Quadro, carteira, giz e mural” (Otávio, ciclo I)

A sensibilidade estética não é um dom ou uma capacidade inata, mas objetivamente uma construção histórica, um fazer humano que deve ser aprendido e apreendido por todos e para isso esta preocupação deve estar presente intencionalmente em todos os lugares, inclusive no espaço físico escolar, pensado e construído deliberadamente, à contemplação e ao gozo estético.

O espaço escolar como elemento que organiza os objetos necessários à atividade humana, que ali se desenvolve, influencia na construção da sensibilidade estética, sendo um dos determinantes que possibilita o desenvolvimento da capacidade de perceber nos objetos criados pelo homem a expressão de uma humanidade visível, que ao ser objetivada também humaniza.

Na relação estética, o sujeito entra em contato com o objeto mediante a totalidade de sua riqueza humana – não apenas sensivelmente, mas também intelectual e afetivamente. Por sua vez, o objeto apresenta-se como um todo concreto-sensível que se oferece a nossos sentidos, mas com uma significação ideológica e afetiva, isto é, como realidade concreta humana. (VÁZQUEZ, 1978, p.87)

Desta forma, a educação estética presente na organização intencional do espaço, amplia a compreensão da realidade cotidiana, transformando o espaço físico em espaço humano, satisfazendo assim a necessidade de humanização presente no homem em seu processo de transformar a realidade e dotar os objetos e espaços de qualidades que não lhes pertencem naturalmente. “Apropriar-se esteticamente da realidade, é integrá-la num mundo humano; fazer com que perca sua realidade em si, transformá-la até fazer dela uma realidade humanizada.” (VÁZQUEZ, 1978, p.114)

A escola e, especificamente, o prédio escolar, fazem parte do cotidiano das crianças, ele está presente no seu dia-a-dia, entretanto ao serem solicitadas a descrever este espaço, contando o que há nele, como está organizado, todas as crianças referiram-se ao mobiliário e sobre os cartazes e trabalhos expostos foi mencionado apenas o trabalho sobre os “pokemons”.

“Lá embaixo tem um mural com os desenhos dos “Pokemons” e também tem um Jesus pintado no muro da escola, só que lá do lado de fora daquele muro de trás”.
(Marcelo e William, ciclo II)

“Tem um monte de quadro que serve pra por nossos trabalhinhos, só que eu só se lembro do Pikachú, que tá do lado da nossa sala.” (Cristian e Edson, ciclo I)

O Jesus, supracitado, fica no muro dos fundos da escola, do lado de fora, onde há uma invasão e as pessoas moram em barracões, sem as mínimas condições de acesso e uso dos bens materiais e imateriais produzidos pelo homem, entretanto, em meio a tanta miséria e desumanização, estas pessoas sentiram necessidade de construir neste espaço, marcas especificamente humanas, e que foram notadas pelos alunos que usam aquela saída.

Na escola havia outros cartazes, muitos informativos, e outros trabalhos realizados pelas crianças, mas nenhum deles foi mencionado nas entrevistas, dando indícios de que o espaço físico da escola e sua organização, construíram cotidianamente nos sujeitos uma atividade mecânica de afastamento, de insensibilidade, determinada pela falta de elaboração estética e planejamento.

Na cotidianidade a atividade e o modo de viver se transformam em um instintivo, subconsciente e inconsciente, irrefletido mecanismo de ação e de vida. As coisas, os homens, os movimentos, as ações, os objetos circundantes, o mundo, não são intuídos em sua originalidade e autenticidade, não se examinam nem se manifestam: simplesmente são; e como um inventário, como partes de um mundo conhecido são aceitos. A cotidianidade se manifesta como a noite da desatenção, da mecanicidade e da instintividade, ou então como mundo da familiaridade. (KOSIK, 1.926, p.69)

Portanto, se todo modo de existência humana possui sua própria cotidianidade, é preciso construir este cotidiano, sensibilizando esteticamente os sentidos humanos, para que os homens se acostumem com a obra de arte, se humanizem com eles, criando para si um ritmo de vida que possibilite o gozo artístico, destruindo um processo de alienação e desumanização do homem promovido pelas forças produtivas na sua forma capitalista.

Quando as crianças entrevistadas foram indagadas sobre o motivo dos cartazes e trabalhos expostos em sala e nos murais da escola apareceram, todas as setenta e cinco crianças, a indicação de duas respostas: para ficar bonito e para as pessoas verem (ter conhecimento do que é feito na escola), como aparece abaixo:

“Pra enfeitar a sala.” (Adriane, ciclo I)

“Pra enfeitar, pra ficar legal pra todo mundo vê, pra ficar bonito pros pais verem.” (Felipe, ciclo I)

“Para deixar a sala mais bonita e para todos saberem o quê a gente faz na sala.” (Juliana, ciclo II)

Os dois motivos levantados pelas crianças ao se referirem aos objetivos e à intencionalidade destes ao serem expostos/afixados no espaço escolar, a beleza e o conhecimento sobre os conteúdos trabalhados, não se concretizaram nas respostas das questões anteriores, significando que estes materiais expostos não cumpriram nem função decorativa e informativa, passando despercebidos, indiferentes em sua maioria, como também

não possibilitaram nenhuma interferência positiva na formação humana destes sujeitos, na formação dos sentidos.

Os lugares mais bonitos da escola, em ordem de preferência, pela maioria, foram a entrada da escola – “*porque tem flores, árvores, grama, é limpo, calmo*”, a sala de informática – “*porque tem espaço e muitos trabalhos coloridos, imprimidos no computador*”- e o pátio interno. A sala de aula, lugar onde os alunos permanecem mais tempo, não foi citada como um espaço bonito por nenhuma das setenta e cinco crianças.

Os lugares mais feios da escola na preferência das crianças são o banheiro (malcheiroso, sujo, bagunçado, apertado, quebrado), a quadra de areia atrás da casinha do pré (porque tem sacolas com lixo, gordura), o muro (porque é só chapiscado).

A última pergunta procurava identificar se as crianças lembravam-se de alguma coisa bonita, diferente ou muito legal, que já esteve exposto em sala de aula ou na escola. Quarenta e cinco crianças não se recordavam de nada; dez crianças referiram-se ao dia das mães, em que a escola expôs vários trabalhos e enfeitou as salas; e vinte crianças lembravam-se dos trabalhos dos “Pokemons” (campanha organizada pelo SISMMAC sobre o processo de privatização da educação na qual foram utilizadas as personagens dos “Pokemons”).

Nesta primeira entrevista fica explícito que o espaço físico da escola não se constituiu num diferencial, num elemento de formação, negando às pessoas usuárias o desfrute e o gozo estético.

O desenvolvimento dos sentidos humanos se correspondem com a natureza dos objetos que lhes correspondem:

...é primeiramente a música que desperta o sentido musical no homem; para o ouvido não musical a mais bela música não tem sentido algum, não é objeto, porque meu objeto só pode ser a confirmação de uma de minhas forças essenciais, isto é, só é para mim na medida em que minha força essencial é para si, como capacidade subjetiva, porque o sentido do objeto para mim (somente tem um sentido a ele correspondente) chega justamente até onde chega meu sentido. É somente graças a riqueza objetivamente desenvolvida da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva é em parte cultivada, e é em parte criada, que o ouvido torna-se musical, que o olho percebe a beleza da forma, em resumo, que os sentidos tornam-se capazes de gozo humano, tornam-se sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas. (MARX, 1.987, p.178)

Desse modo, a sensibilidade estética desenvolve-se com a educação dos sentidos, construídos historicamente por meio dos objetos que representam a satisfação de uma necessidade humana e, ao mesmo tempo, sua ampliação e enriquecimento, por libertarem-se de uma relação utilitária imediata, revelando o próprio homem e os significados

humanos que cria, apontando à “necessidade de formação dos sentidos e de familiarização com os processos e produtos artísticos para possibilitar toda a riqueza humana que esta apresenta como potencialidade. (TROJAN, 1.997, mimeo)

A arte, portanto, recupera a riqueza da essência humana, como condição do desenvolvimento dos sentidos plenamente humanos, imprescindíveis à apropriação dos objetos humanos, mesmo no interior de uma sociedade que lhe confere status de propriedade privada, negando-lhe seu caráter substancial – compartilhar aspectos próprios da vida humana.

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós[...]Em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais apareceu assim a simples alienação de todos esses sentidos, o sentido do ter.(MARX, 1.987, p.177)

Muito embora, o sentido do ter , criado artificialmente como necessidade de consumo, limite a apropriação dos objetos e a satisfação das necessidades humanas, pode, contraditoriamente, pelo valor estético da arte, subverter esta relação de mercado e ampliar a condição do homem de se humanizar e humanizar suas relações.

Para subverter esta relação de mercado agregado pela indústria cultural e sensibilizar os sentidos humanos para a verdadeira arte – que amplia o poder de criação do homem, tornando-o homem – é preciso ressignificar o cotidiano, pois “a passagem à autenticidade é a negação da vida de cada dia.” (KOSIK, 1.978, p.73)

A cotidianidade nos impõe um determinado mundo, freando nossa ação livre e obrigando-nos a superá-la para alcançarmos a autonomia humana. “Não muda o mundo, mas muda a própria posição diante do mundo.” (KOSIK, 1.978, p.79)

Esta mudança de posição diante do mundo pode ser instigada via educação dos sentidos, na construção da sensibilidade à percepção do próprio espaço presente no cotidiano escolar. Entretanto, para efetivar-se é necessário uma interferência intencional neste espaço, acrescentando-lhe qualidades que não existem naturalmente e que se sobressaem ao cotidiano, criando um novo cotidiano , desta vez mais humano.

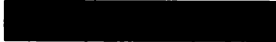
Na vida de cada dia reinam a reiteração e uma interpermutabilidade de gênero ambíguo: cada dia da cotidianidade pode ser permutado por um outro dia correspondente, esta quinta-feira na sua cotidianidade é indistinguível da quinta-feira da semana passada ou do ano passado. Portanto, ela se funde com as outras quintas-feiras e se conserva, vale dizer, só se diferencia e emerge na memória graças a algo particular ou excepcional. (KOSIK, 1976, p.71)

Com base nestes pressupostos, realizou-se uma interferência no espaço físico desta escola. Definiu-se uma turma (Ciclo I, primeira etapa D) com a qual realizou-se um trabalho de discussão e construção de um mural, desde os assuntos a serem trabalhados até a disposição espacial, tamanho e cor das letras, gravuras,..., após esta interferência houve uma segunda entrevista, que possibilitou um estudo comparativo entre a turma que participou da elaboração do mural e as outras que apenas observaram as mudanças.

Foram construídos dois murais , que ficaram expostos, cada um deles, durante uma semana . Os assuntos definidos para fazerem parte do mural foram: arte, informação e trabalhos elaborados em sala de aula ; cada um destes assuntos teria um espaço próprio no mural e estaria definido por um retângulo de cor específica (arte em azul, informação em amarelo e os trabalhos em vermelho) com o título do assunto, as letras todas bem grandes, na cor preta e em letra de imprensa maiúscula. Construímos um mural na segunda-feira e o substituímos na segunda-feira da semana seguinte.

primeira semana

MURAL DA PRIMEIRA ETAPA D - CICLO I



1

2

3

4

5

6

INFORMAÇÃO



7

8

8

8

8

segunda semana



2

3

4

5

6



7

8

9

9

9

9

Mural da primeira semana:

Arte

1-quadro de Van Gogh aos treze anos de idade.

2-faixa escrita: "QUEM SERÁ ESTE MENINO?"(foi colocada na segunda-feira, com uma folha de sulfite ao lado para as pessoas escreverem suas opiniões).

3-faixa escrita: "NASCEU NA HOLANDA, EM 1.853"(colocada na terça-feira)

4-faixa escrita: "ERA UM PINTOR."(colocada na quarta-feira)

5-faixa escrita: "FOI ELE QUEM PINTOU ESTE QUADRO."(faixa colocada na quinta-feira, ao lado colocou-se uma cópia da obra "Quarto de Van Gogh, 1.880")

6-faixa escrita: "ESTE MENINO É VAN GOGH AOS TREZE ANOS." (colocada na sexta-feira, ao lado desta faixa também colocamos outra obra deste pintor "Auto-retrato de Van Gogh, 1.886)

7-Notícias de jornais, discutidas e selecionadas em sala. O trecho mais importante, mais significativo da notícia, era grifado com caneta de marcar texto e impresso em letras maiores para ficar afixado ao lado do recorte do jornal.

Trabalhos

8-Trabalhos dos alunos desta sala , que eram substituídos diariamente (três trabalhos por dia).

A troca diária dos textos dos alunos, o acréscimo de informações sobre o menino do quadro, que também acontecia diariamente, e o tempo determinado para a substituição do mural, modificou o cotidiano da escola, criando novos hábitos, pois muitos alunos ao chegarem na escola passaram a vir diretamente ao mural, antes mesmo de entrarem em sala de aula, começaram a formar-se grupos em frente ao mural para discutir o que havia ali, as novas informações. Os alunos da sala passaram a esperar ansiosos o dia em que seu texto estaria exposto no mural externo, mostrando-os aos pais e amigos de outras salas, que passaram a cobrar de seus professores um mural como aquele.

Durante a segunda-feira alguns alunos escreveram sugestões sobre quem seria o menino do quadro, apareceram artistas de novela, alguns políticos e filhos de professores. No dia seguinte, houveram muitos comentários sobre sua descendência:

"-Chiii, não é ninguém que a gente escreveu!"

"-Como que você sabe?"

"-Porque ele é de outro município que não é o Brasil. Eu sei porque o Brasil já jogou com este time e eles falam bem diferente. E ele deve ser bem velho igual a minha vó que ela nasceu mais ou menos nessa época." (conversa entre dois alunos da segunda etapa do ciclo I)

Durante a quinta-feira, quando colocou-se a obra de Van Gogh ao lado da faixa, observou-se muitos comentários, e vários alunos já sabiam quem era o menino do quadro e contavam a todos que se aproximavam.

"-Nossa é aquele cara que cortou a orelha e pôs um monte de pano no ouvido! Lembra que a professora Marcia deu um desenho dele pra gente pintar, que tinha esse quarto, e eu até coleí um foto minha?" (alunos da etapa inicial)

Na sexta-feira a atenção de todos os alunos, alguns até se empurravam para ver melhor tudo o que estava no mural, estava voltada a comparação entre o quadro e o autorretrato.

“-Olhe a cara dele é igual, bem comprida e o queixo não mudo.” (aluno do ciclo II).

“-Eu falei que ele tinha cortado a orelha.” (aluno do ciclo I)

“- É por isso que ele morreu, saiu muito sangue.” (aluno do ciclo I)

“- O meu texto ainda não está aí, talvez só depois de amanhã que a professora vai colocar, e daí eu vou mostrar pra minha mãe.”

Na semana seguinte, quando houve a mudança do mural, a aglomeração de crianças em frente do mesmo era tão grande que as inspetoras, muitas vezes, não as deixavam permanecer ali, principalmente os alunos do ciclo II que eram do bloco superior. Este processo foi tão significativo que os professores, ao serem cobrados de seus alunos e percebendo o interesse dos mesmos, decidiram construir murais com suas turmas. A aparência “vazia” da escola (paredes, murais) percebida anteriormente nas fotos, cedeu lugar a um número muito grande de trabalhos e cartazes, mudando radicalmente a percepção do ambiente físico desta instituição. Entretanto, estes trabalhos continuaram a ser expostos sem critérios e planejamento estético, sem uma intencionalidade voltada diretamente à formação dos sentidos.

Nas permanências que ocorrem uma vez por semana, onde os professores juntamente com a equipe pedagógica organizam o trabalho educativo na escola, não haviam discussões e/ou estudos sobre a organização do espaço físico, sobre a forma, a estética. Discutiam-se os conteúdos, a metodologia, os recursos, porém sem a preocupação com a formação dos sentidos, mesmo sabendo-se que é por meio deles que aprendemos. Com a realização da experiência, delimitada pela metodologia adotada nesta pesquisa, percebeu-se que a realidade das permanências modificaram-se, passando a incluir a estética, a forma, na construção do espaço e dos trabalhos escolares. Após a interferência no espaço, observou-se alguns professores discutindo, na permanência, sobre a construção de um cartaz: o tamanho da letra, a cor e se era possível enxergá-lo de uma determinada distância.

O pai de uma aluna (diretor de marketing), da sala em que estava sendo realizado o trabalho de organização planejada do mural, veio pessoalmente até a escola cumprimentar a professora pelo trabalho, pois considerava a escola “inovadora, empreendedora” por meio dos comentários que a filha fazia em casa; também falou sobre a importância da escola trabalhar com a imagem nos dias atuais.

A colocação deste pai é extremamente relevante, pois o homem contemporâneo recebe uma quantidade imensa de impressões sobre o mundo, a vida, as relações sociais,

sobretudo na forma de imagens, na sua grande maioria dispersas, superficiais, descontextualizadas, caóticas, não se organizando num todo mais complexo, nem possibilitando a compreensão dos pontos de vista, gostos e apreciações, ideologicamente determinadas.

Este processo extrai do indivíduo a capacidade de posicionar-se, de participar, de agir deliberadamente, de emancipar-se frente aos apelos de uma sociedade consumista, que transforma o belo e a estética em mercadoria, sobrepondo ao seu valor humano, o valor de uso e de troca.

Adorno reforça este entendimento ao descrever o conceito de indústria cultural, que tem como função, na economia atual, a padronização e a produção em série, objetivando uma cultura de massas que cria uma relação artificial entre o universal e o particular.

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (ADORNO, 1.996,p.114)

Este processo de transformar a realidade em aparência e fetiche , criando novos desejos e necessidades por meio da especulação, objetiva-se pela criação de imagens. “A criação de imagem da política pelas agências de relações públicas correspondeu de muitas maneiras à política da criação de imagem.” (HARVEY, 1.989, p.313)

A partir de todas estas considerações e circunstâncias criadas neste processo de interferência no espaço, com depoimentos e relatos advindos de vários segmentos da escola, os professores solicitaram auxílio na elaboração dos murais da sala e reivindicaram cursos de Educação Artística.

Durante a semana, em que o segundo mural foi montado, já havia instalado-se na escola uma rotina da qual fazia parte passar pelo mural externo antes de ir à sala ou a outro lugar, muitas crianças detinham-se por muito tempo na frente do mural, analisando-o e procurando descobrir todas as informações contidas nele.

Após estas duas semanas de interferência no espaço, foi realizada uma segunda entrevista com os quinze grupos (cinco alunos de cada sala) com duas questões: “Vocês perceberam alguma mudança na escola, há alguma coisa diferente na organização da escola?” “Nestas semanas que se passaram o que vocês observaram nos murais, paredes da escola? Vocês gostaram?”

Na primeira questão todos os grupos, com exceção do grupo que pertencia à sala com a qual foi planejado o trabalho de interferência, respondeu que não houve nenhuma

mudança na escola. Entretanto, estes mesmos grupos detalharam com precisão tudo que estava no mural .

“- Tinha o Van Gogh, que a gente brincou de adivinhar, depois aquele de procurar coisas escondidas que tinha uma poesia com rima. Eu gostei daquele mural porque ele era bem colorido e tinha muita coisa bonita pra gente ver, eu e a Camila ia todo dia pra ver.” (Mayara, ciclo II)

“-A escola ficou bem mais bonita, até a minha professora colocou com a gente os nossos trabalhos no corredor, lá em cima agora tá cheio de trabalho. Lá embaixo tinha aquele do Van Gogh que pintava com tinta bem grossa, e depois rasgou a orelha. Eu encontrei tudo que pedia naquela charadinha daquele quadro cheio de -parece -caco de vidro.” (William, ciclo II)

“-Eu vi o texto do meu primo, que ele me mostrou e um que eu gostei muito é aquele de procurar coisas escondidas, eu e o meu primo fizemos uma aposta de quem achava primeiro e ele adivinhou antes porque foi a professora dele que fez.” (Fabiano, primeira etapa)

A análise realizada nas últimas entrevistas demonstra que mesmo tendo participado ativamente, com grande interesse pelas mudanças que ocorriam no mural, os alunos que não participaram de sua elaboração, de sua construção, ficando apenas como espectadores, não sentiram nenhuma mudança na escola, pois isto não afetou sua prática social. Entretanto, o grupo que construiu o mural respondeu prontamente às mudanças, reorganizaram o mural interno da sala, sabiam diferenciar os assuntos presentes no mural, sua finalidade, enfim, construíram uma nova postura frente ao cotidiano escolar.

A sala que participou do processo de elaboração e construção do mural passou a ter uma dinâmica diferenciada na organização de seu cotidiano e de seu espaço escolar, definindo com o professor os assuntos a serem expostos, a cor e o tamanho das letras dos cartazes de acordo com a distância em que estes deveriam ser vistos, o tempo de permanência dos mesmos, enfim, tornou-se explícito a relação entre forma e conteúdo; enquanto nas outras turmas ocorreu um processo intenso de uso dos murais e exposições de trabalhos que não se via antes, porém sem uma preocupação estética, capaz de construir no cotidiano escolar, os elementos necessários à formação dos sentidos humanos.

Criar espaços “de acordo com as leis da beleza”, revela a dimensão estética da essência humana que só se torna possível através de uma atividade prática, consciente e voluntária. A partir deste ponto de vista, podemos afirmar que o homem não pode renunciar o sentido estético sem perder sua condição humana. Através da sensibilização estética, o homem eleva a possibilidade de humanização da realidade e de si mesmo, já obtida por meio do trabalho.

Essas determinações foram evidenciadas quando a mudança no cotidiano escolar permitiu aos sentidos humanos que ali se relacionavam, captar a beleza produzida por um espaço construído esteticamente, revelando a essência do homem, seu trabalho criador.

Este impacto foi tão significativo que tornou-se impossível permanecer como estava e, como para mudar era necessário um trabalho consciente, intencional, gerado por uma necessidade, muitos professores, de diversas áreas, começaram a solicitar cursos de educação artística.

Desse modo, conclui-se que o processo de humanização dos sentidos se relaciona ativamente com a humanização do espaço e dos objetos nele contido, conferindo aos sentidos humanos, para além de sua origem natural, um caráter social, construído deliberadamente no cotidiano escolar.

Mural da segunda semana

Arte

1-faixa escrita: OLHE BEM DE PERTO (ao lado da faixa havia o desenho de um olho bem aberto)

2-POESIA: PICASSO

Picasso

Desde pequeno

Fazia troça

Com traços

Parece piada,
mas dizem que é pura verdade
A primeira palavra que disse foi:
“Lápis”

E zapt!
Não parou mais
Desenhava as touradas da Espanha,
Cavalos, bonecas
Menino levado

Cresceu
Foi pra Paris
Impressionado com a cidade,
Registrou tudo que viu

Mas um grande amigo partiu
E com ele as cores
Sobrou o azul
Quadros de dores

Logo conheceu uma moça
Na tela branca
A paixão vermelha
Corou de rosa sua paleta

Mas a fase mais engraçada
Foi a cubista
Picasso embaralhou as formas
Brincou com as normas

Cubismos
Mosaicos
Caquinhos
Pedaços

Na época
Foi aquele estardalhaço
Desenhou perfil de frente
Pôs bumbum no lugar dos braços
Fez tudo diferente

Arte não é fotografia
Que registra o modelo real
Tal e qual

Na tela
A imagem que fica
É Picasso e
Não tem igual.
(Adriana Abujamra Aurth)

3- Cópia da obra de Picasso: "Retrato de D. H. KAHNWEILER, 1.910"

4-faixa: "VOCÊ CONSEGUE VER O ROSTO DO HOMEM?"

5-faixa: "O QUÊ ELE ESTÁ VESTINDO?"

6-faixa: "ONDE ESTÃO SUAS MÃOS, UMA GARRAFA, UM COPO, E SEU GATO DE ESTIMAÇÃO?" (ao ler estas indagações as crianças ficavam procurando estes objetos na obra de Picasso e encontravam outras coisas mais).

7- Informação de jornais.

8- Comentário da sala sobre o assunto do jornal.

Trabalhos

9- Trabalhos dos alunos (trocados diariamente)

A DIMENSÃO ESTÉTICA DO ESPAÇO ESCOLAR: TRANSFORMANDO E FORMANDO OS SENTIDOS HUMANOS

A construção do espaço da escola como instrumento de formação humana e desenvolvimento pleno dos sentidos humanos prescinde de conhecimentos e ações que viabilizem a apropriação subjetiva dos objetos feitos pelo homem, que materializam esta subjetividade enriquecida pela criação humana e oferecem condições concretas à contemplação e à praxis criadora.

Quando os olhos conseguem captar a riqueza presente no trabalho criador, elaborado a partir das leis da estética, criam-se novas necessidades que ampliam o processo de humanização do homem, recriando a subjetividade humana que, uma vez enriquecida, materializa-se nos objetos criados pelo homem.

Este processo, construído nas relações sociais em geral e nas relações pedagógicas em particular, que buscam o desenvolvimento da dimensão estética na formação dos sentidos, foi rapidamente identificado durante a interferência no espaço. Assim que alunos e professores começaram a visualizar um novo espaço, planejado esteticamente, qualitativamente enriquecido, no cotidiano da própria escola, criou-se uma nova necessidade de continuidade da organização estética do espaço e de ruptura com o cotidiano. Foi neste contexto que observou-se alunos cobrando dos professores uma organização (exposição) de seus trabalhos e professores solicitando cursos na área de artes, pois passaram a sentir a necessidade de conhecimento sobre estética.

Portanto, a preocupação com a formação estética não pode ser secundarizada, nem privilégio de poucos ou exclusividade das aulas de educação artística, pois representa uma necessidade humana, é condição '*sine qua non*' de humanização, traz em si a essência da humanidade: a criação.

(...) a satisfação das necessidades humanas não se limita à mera sobrevivência física, às "necessidades do estômago", mas, inclui também as necessidades espirituais, a "fantasia", como a necessidade de estetizar os objetos que produz, a necessidade de produzir objetos propriamente artísticos, ou melhor dizendo, criar formas que contêm significados humanos, que identificam o homem como o seu criador. (TROJAN, 1.998, p.98)

Assim, a construção do homem, em seu processo histórico, está intimamente relacionada à categoria trabalho, capaz de torná-lo um sujeito singular e universal mediante o trabalho criador. Esta relação intrínseca entre o universal e o particular, pode ser exemplificada por meio da arquitetura; a moradia é uma necessidade de toda a humanidade,

porém a forma de respondê-la difere histórica e geograficamente, embora os ideais de beleza sejam perseguidos por todos na sua criação. Durante a pesquisa ação desenvolvida na escola foi possível identificar fichas que relatavam a escolha da escola, pelos pais, um dos motivos mais citados foi a beleza do prédio, seu estado de limpeza e conservação.

Portanto, o trabalho enquanto atividade essencialmente humana e o trabalho criativo como manifestação enriquecida desta essência, representam as categorias fundamentais na construção do homem, e no seu processo de desenvolvimento pleno. Entretanto, estas categorias, da mesma forma que o homem, revelam as determinações objetivas/materiais de cada época, bem como, os germes de sua superação, transformação.

Desse modo, o trabalho enquanto categoria explicativa do homem deve ser entendido na sua positividade, como ação intencional deste sobre o mundo para satisfazer suas necessidades; necessidades estas que extrapolam as necessidades naturais, imediatas, ampliando o processo de humanização que se completa mediante a satisfação das necessidades criadas pelo homem porque revela seu caráter criador. “Entre o trabalho como criação e os mais elevados produtos do trabalho existe um vínculo direto: os produtos indicam o seu criador, isto é, o homem.” (KOSIK, 1.976, p.110). E ao indicar seu criador, também indicam suas infinitas possibilidades para a criação.

Assim, se a criação está diretamente vinculada a uma necessidade humana, determinando e sendo determinada pela mesma, a arte – enquanto atividade essencialmente humana- só se justifica se satisfaz uma necessidade também especificamente humana.

Percebe-se, portanto, uma indissociabilidade entre trabalho, arte e necessidade humana, categorias que, em sua unidade, representam o máximo de humanidade construída pelo homem. A estética, assim, torna-se imprescindível na constituição plena do homem, pois ao objetivar-se como manifestação e afirmação do homem expressa e enriquece a essência humana – o trabalho criador.

Ao compreender o trabalho como categoria que produz a existência humana, ou seja, o modo de existir propriamente humano em cada época e lugar, é necessário analisar, e considerar “as formas que adquire o trabalho no processo de desenvolvimento de suas forças produtivas e dos modos de organização da sociedade.” (TROJAN, 1.997, mimeo)

O capitalismo, enquanto modo de organização da sociedade atual, constitui-se num grande paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que possibilita um avanço científico-tecnológico capaz de produzir bens materiais que libertem o homem do “reino da

necessidade” – produzir para sobreviver – liberando-o para criação, inversamente também separa o trabalho da criação, e, ao retirar a dimensão criativa do trabalho, extrai seu caráter humano, transformando-o em fadiga e alienação. “A criação é arte, enquanto o trabalho industrial é ofício, é algo maquinal, repetitivo, e portanto algo pouco apreciado e que se auto-despreza.” (KOSIK, 1.976, p.110)

O trabalho criativo, em sua manifestação artística, com base nos pressuposto acima, só pode ser compreendido a partir das “condições de produção, difusão e consumo que, em cada sociedade constituem o sentido dos objetos.” (CANCLINI, 1.984, p.8)

Neste sentido, é que a arte, na sociedade atual, pode representar uma resposta à necessidade humana de enriquecer sua essência, determinada pela criação, ou constituir-se como fator de exclusão e massificação, ao incorporar o caráter de coisa supérflua. Isto está presente no cotidiano, através da TV e do rádio, que não precisam mais, necessariamente, trabalhar com arte, mas com aparência e alienação, resultado da indústria cultural.

Desta forma, a estética como dimensão essencialmente humana só encontra-se presente no trabalho humano que não perdeu sua essência, ou seja, seu caráter criador e, por isso mesmo, representa uma necessidade inalienável de qualquer atividade humana. “O homem rico é, ao mesmo tempo o homem carente de uma totalidade de exteriorização de vida humana, o homem no qual sua própria efetivação existe como necessidade interna, como carência.” (MARX, 1.987, p.180)

A alienação do homem e sua conseqüente desumanização através da ditadura do trabalho na forma capitalista ocorre porque esta, enquanto atividade repetitiva e extenuante, renuncia o sentido estético do trabalho (atividade prática, criativa, consciente), subtraindo do homem sua condição humana. “Através da arte, o homem eleva a possibilidade de humanização da realidade e de si mesmo, já obtida através do trabalho.” (TROJAN, 1.997, mimeo)

Isto justifica-se porque, ao criar uma nova realidade por meio do trabalho, uma realidade social humana, acrescentando-lhe qualidades que não existem naturalmente, o homem possibilita a humanização das suas necessidades naturais e a criação de outras, exclusivamente humanas. “Entre estas podemos incluir a necessidade estética. A necessidade estética e o produto que a satisfaz extrapolam os limites das necessidades naturais e se colocam como resposta a necessidade de objetivação e afirmação do próprio homem.”(TROJAN, 1.997, mimeo)

Portanto, o homem só cria por necessidade, necessidade de reconhecer a si mesmo como homem, diferenciando-se dos outros seres por constituir-se como ser criador e é, neste sentido, que a “riqueza de necessidades humanas” caracteriza o enriquecimento da essência humana.

Na grande arte a realidade se revela ao homem. A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até à própria realidade e à sua verdade.” (KOSIK, 1.976, p.117)

Entretanto, na sociedade atual regida pelos imperativos do Mercado, vemos os objetos criados pelo homem e o próprio homem, tornarem-se mercadoria, reduzindo a riqueza de necessidades humanas a uma única necessidade – a do dinheiro – e substituindo no homem a condição de sujeito pela de consumidor.

A necessidade do dinheiro é assim a verdadeira necessidade produzida pela economia política e a única necessidade que ela produz[...] Inclusive subjetivamente isto se mostra, em parte, no fato de que o aumento da produção e das necessidades se converte no escravo engenhoso e sempre calculador de apetites desumanos, refinados, antinaturais e imaginários – a propriedade privada não sabe fazer da necessidade bruta necessidade humana; seu idealismo é a fantasia, a arbitrariedade, o capricho,...(MARX, 1.987, p.182)

É nesta relação de transferência, própria do capitalismo, de trabalho criador e satisfação de necessidade humana em alienação e propriedade privada, que o objeto artístico vê-se condicionado ao dinheiro, limitando sua possibilidade de consumo e gozo; e é no interior desta mesma sociedade que deve-se resgatar a positividade do trabalho humano, utilizando a dimensão estética como fator de humanização, por meio da educação e formação dos sentidos humanos.

A arte só pode ser conhecimento – conhecimento específico de uma realidade específica: o homem como um todo, único, vivo e concreto- transformando a realidade exterior, partindo dela para fazer surgir uma nova realidade, ou obra de arte. O conhecer artístico é fruto de um fazer; o artista não converte a arte em meio de conhecimento copiando uma realidade, mas criando outra nova. A arte só é conhecimento na medida em que é criação. Tão somente assim pode servir à verdade e descobrir aspectos essenciais da realidade humana. (VÁZQUEZ, 1.987,p. 36)

Se a verdadeira arte cria uma nova realidade mais humana, ela pode constituir-se como ‘meio’ para superar o processo de desumanização imposto pela sociedade capitalista, ampliando e evidenciando a capacidade criadora do homem e devolvendo-lhe a condição de sujeito, condição essencial à transformação. Isso é possível porque a arte “não só expressa ou reflete o homem: fá-lo presente.” (VÁZQUEZ, 1.978, p.46)

Esta concepção de arte extrapola os limites da estética televisiva imposta pela indústria cultural, configurando-se como elemento de formação humana, como prática social.

“Se o homem é atividade criadora, não poderia deixar de estetizar o mundo – assimilá-lo artisticamente- sem renunciar à sua condição humana.”(VÁZQUEZ, 1.978, p.52)

Entretanto, o trabalho e a arte enquanto trabalho criador, também estão determinados pelo modo de produção da existência humana de cada época e local, sendo que só é possível superar estas determinações quando os sujeitos estão de posse, objetiva e subjetivamente, da sua produção e têm consciência da produção das suas marcas espirituais.

Assim, se entendemos a arte como um meio de compreensão da realidade humana, como forma de expressar artisticamente o modo de ver esta realidade, de criar objetivamente significados humanos; a arte está, como todas as formas de produção espiritual, intimamente relacionada com a produção material, isto é, com o modo de produzir os meios necessários para a sobrevivência e manutenção da vida humana. Isto quer dizer que, a sociedade se organiza a partir das condições materiais. Não se pode, por exemplo, admitir a possibilidade de admirar o caráter estético de uma casa, antes que o homem tivesse as condições técnicas e materiais necessárias para desenvolver a arquitetura e construir diferentes espaços. (TROJAN, 1.998, p.91)

Tal possibilidade foi observada com a turma que participou da organização e planejamento do mural, durante as interferências realizadas no espaço físico da escola, de posse do conhecimento necessário à sua organização e dos bens materiais disponíveis, as crianças passaram a generalizar aquele padrão estético de elaboração do mural externo para os murais, cartazes e trabalhos que eram expostos internamente no espaço da sala de aula, criando novos padrões estéticos para o que produziam.

Nas turmas que apenas observaram as mudanças ocorridas no espaço da escola, passaram a sentir necessidade de criar outros espaços para si, como aqueles, porém não conseguiram criar um mural esteticamente organizado, pois as condições materiais e pedagógicas não foram suficientes à construção de uma nova subjetividade mais enriquecida humanamente, mediante a formação dos sentidos.

Deste modo, torna-se explícita a urgência do ser humano distanciar-se de suas necessidades mais imediatas, para criar modos mais humanos de satisfazê-las e satisfazendo-as criar novas necessidades especificamente humanas, como a necessidade estética. A escola ainda não conseguiu superar seu caráter mais imediatista de transmissão de conteúdos, o que a impede de cumprir também esta função só que de um modo mais humanizado, que revele as formas mais avançadas de produção da existência humana, dentre elas a produção estética.

Assim:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao

mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado de trabalho para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre a sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho. Pressupomos o trabalho sob a forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes a do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tão mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece por isso menos possibilidade de fruir da aplicação de suas próprias forças físicas e espirituais. (MARX, 1.994, p.202)

Portanto, a garantia da condição plenamente humana de todos os sujeitos, ainda nesta sociedade, dar-se-á pela humanização de seus sentidos, por meio da criação (trabalho criativo) dos objetos artísticos ou de qualquer outra necessidade humana que se submete a um processo de construção mental, ao nível da imaginação, para depois objetivar-se, produzir-se materialmente.

Fantasia e ciência parecem à primeira vista incompatíveis. Mas não é assim; sem fantasia nenhuma ciência pode desenvolver-se. “Essa capacidade é extremamente valiosa. É inútil pensarem que ela é necessária somente ao poeta. Isto é um preconceito tolo. Ela é necessária até na matemática, sem fantasia até o descobrimento dos cálculos integral e diferencial seria impossível. A fantasia é uma qualidade do maior valor...” – escreveu Lênin.[...] A tentativa de prescindir da fantasia na ciência equivale a renunciar ao pensamento. Qualquer abstração já constitui uma espécie de fantasia, pois distingue em forma pura um aspecto, uma propriedade no objeto. (KOPNIN, 1.978,p. 268-269)

Arte e ciência, portanto, apesar de diferirem em sua finalidade e natureza, não se opõem enquanto processo de criação, estabelecendo uma relação de íntima articulação entre o conhecimento técnico e científico, desprezando, assim, qualquer forma de trabalho que transforma seu produto em mercadoria alienada de seu produtor. Isto significa que a organização do trabalho pedagógico na escola, inclusive a organização estética do espaço físico, não pode ser retirada de seus organizadores (professores, alunos e demais segmentos) devendo revelar-se enquanto processo de criação que envolve vontade e imaginação.

Retirar a intencionalidade, objetivamente explicitada, de todas ,ou qualquer uma, das atividades pedagógicas é alienar, os sujeitos que delas participam, da sua condição humana, de seu pleno desenvolvimento. Isto foi possível observar nesta pesquisa durante a segunda entrevista, em que somente o grupo que participou deliberadamente da construção do mural respondeu que houve uma mudança significativa na escola, sendo que esta

intencionalidade contribui na formação dos sentidos humanos destes alunos, pois a partir da interferência no espaço eles passaram a reorganizar e discutir, coletivamente, o espaço de sala de aula.

É preciso que o trabalho alcance certo nível – no que se refere a sua produtividade, à sua utilidade material – para que se possa produzir objetos que superem sua função utilitária e que, sem excluir esta, cumpram uma função estética, ou objetos que se libertam completamente desta função prática para ser, antes de mais nada, obras de arte. O trabalho é assim, histórica e socialmente, a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos. (VÁZQUEZ, 1.978, p.72-73)

A estética e a arte, neste contexto, não só produzem um mundo mais humano(objetivamente), mas o revela no homem (subjetivamente), tornando-o sujeito de sua própria história e imprimindo-lhe a capacidade de criação, que revela-se em todas as suas possibilidades, no interior do processo produtivo.

Com base nestes pressupostos, a organização do espaço, no processo de planejamento do trabalho pedagógico, torna-se o eixo articulador entre as várias disciplinas e o ensino de arte, capaz de garantir a unidade da praxis educativa, através da dimensão estética e da formação dos sentidos humanos.

Contudo, a escola ainda possui uma visão da arte como habilidade individual, inata ou como “dom”, privilégio de alguns, e por mais que possa ser ensinada seu uso restringir-se-á nas mãos de pessoas dotadas de sensibilidade e imaginação. Estes mitos favorecem a fragmentação dos sujeitos e do trabalho escolar, distanciando ciência e arte. Mas, como toda construção histórica, esta forma de pensar pode ser rompida no próprio interior da escola; foi o que aconteceu quando alunos e professora do primeiro ciclo (da turma sorteada para organizar a interferência no espaço), criaram uma ruptura no cotidiano escolar, na sua organização estética e, conseqüentemente, na concepção de arte. Este processo criou novas necessidades que despertaram nos demais professores a vontade de participar de cursos e assessorias sobre o ensino da arte. “A arte é produção porque consiste numa apropriação e numa transformação da realidade material e cultural, mediante um trabalho e para satisfazer uma necessidade social, de acordo com a ordem vigente em cada sociedade.” (CANCLINI, 1.984, p.35)

É deste modo que pretende-se recuperar o significado da arte no trabalho escolar (enquanto imaginação e produção material) capaz de influenciar no processo de formação humana que nega a desumanização do homem em suas relações de produção ao lhe possibilitar a capacidade de contemplação, só possível quando o objeto distancia-se – em seu

caráter utilitário- do sujeito que o produziu, revelando além do homem a sua relação com a realidade humano social.

O estético não é, então, nem uma essência de certos objetos, nem uma disposição estável do que se chamou a natureza humana. É um modo de relação do homem com os objetos, cujas características variam segundo as culturas, os modos de produção e as classes sociais. (CANCLINI, 1.984, p.11)

Por isso, mesmo sob as condições adversas do capitalismo que transforma a arte em mercadoria é possível reconhecer seu valor estético, enquanto objeto que expressa e afirma a subjetividade humana, a essência do homem; mesmo que as marcas de seu valor de troca abafem a riqueza desta significação.

A concepção de arte como criação não exige uma atitude unívoca diante do real; sublinha, antes de mais nada, a ligação da arte com a essência humana. O homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz esta necessidade de humanização. Por isso, não há – nem pode haver- “arte pela arte” , mas arte por e para o homem. Dado que este é, por essência, um ser criador, cria os produtos artísticos porque neles se sente mais afirmado, mais criador, isto é, mais humano. (VÁZQUEZ, 1.978, p.48)

Ao demonstrar a realidade humana nos objetos que produz e, concomitantemente, criando-se como ser histórico-social, o homem produz, além dos bens materiais, as relações sociais, que determinam dialeticamente, a superestrutura; e é nesta relação que encontra-se a essência do homem, ou seja, na unidade indissolúvel entre objetividade e subjetividade.

Na criação artística, ou relação estética criadora do homem com a realidade, o subjetivo se torna objetivo (objeto), e o objeto se torna sujeito, mas um sujeito cuja expressão já objetivada não só supera o marco da subjetividade, sobrevivendo a seu criador, como pode ser compartilhada, quando já fixada no objeto, por outros sujeitos. (VÁZQUEZ, 1.978, p.56)

Entretanto, a capacidade de contemplar, perceber, observar, compartilhar, a essência humana expressa no objeto, reveladora da verdade sobre a realidade, é captada pelos sentidos; sendo eles próprios criação humana, ou seja, humanizados através de seus objetos. “O homem descobre o sentido das coisas porque ele se cria um sentido humano para as coisas. Portanto, um homem com sentidos desenvolvidos possui um sentido também para tudo quanto é humano, ao passo que um homem com sentidos não desenvolvidos é fechado diante do mundo” (KOSIK, 1.976, p.120-121)

Esta capacidade de contemplar e ver significados humanos, construída na relação com os objetos, foi observada através de falas das crianças ao discutirem as obras de arte que faziam parte do mural.

Desse modo, a sensibilidade estética desenvolve-se com a educação dos sentidos, construídos historicamente por meio dos objetos que representam a satisfação de

uma necessidade humana e, ao mesmo tempo, sua ampliação e enriquecimento, por libertarem-se de uma relação utilitária imediata, revelando o próprio homem e os significados humanos que cria. “Aqui encontramos não só a explicação da elitização da arte, quanto da necessidade de formação dos sentidos e de familiarização com os processos e produtos artísticos para possibilitar toda a riqueza humana que esta apresenta como potencialidade. (TROJAN, 1.997, mimeo)

A arte, portanto, recupera a riqueza da essência humana, como condição de desenvolvimento dos sentidos plenamente humanos, essenciais à apropriação plena de seus objetos, mesmo no interior de uma sociedade que lhe confere status de propriedade privada, negando-lhe seu caráter substancial – compartilhar aspectos essenciais da vida humana.

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós.[...] Em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais apareceu assim a simples alienação de todos esses sentidos, o sentido do ter. (MARX, 1.987, p.177)

Muito embora, o sentido do ter, criado artificialmente como necessidade de consumo, limite a apropriação dos objetos e a satisfação das necessidades humanas, pode, contraditoriamente, pelo valor estético da arte, subverter esta relação de mercado e ampliar a condição do homem de se humanizar e humanizar suas relações.

Para subverter esta relação de mercado agregada pela indústria cultural e sensibilizar os sentidos humanos para a verdadeira arte, que amplia o poder de criação do homem, é preciso resignificar o cotidiano, pois a “passagem à autenticidade é a negação da vida de cada dia.”(KOSIK, 1.978, p.73)

A cotidianidade nos impõe um determinado mundo, freando nossa ação livre e obrigando-nos a superá-la para alcançarmos a autonomia humana. “Não muda o mundo, mas muda a própria posição diante do mundo.” (KOSIK, 1.978, p.79)

Esta mudança de posição diante do mundo pode ser instigada via educação dos sentidos, na percepção do próprio espaço presente no cotidiano dos alunos, mas para isso é necessário uma interferência intencional neste ambiente, acrescentando-lhe qualidades que não existem naturalmente e que sobressaem-se ao cotidiano. No mural da escola, os assuntos mais comentados, discutidos, observados referiam-se ao espaço da arte, era visível o interesse das crianças, tanto do ciclo I como do ciclo II, sendo que durante a segunda entrevista todos os alunos descreveram detalhadamente o que havia no mural sobre arte. O que menos chamou atenção foram as notícias de jornal, que, curiosamente, referiam-se a acontecimentos do bairro

em que a escola estava situada, ou seja, estavam mais próximas do cotidiano imediato das crianças.

Como resultado deste trabalho, em sua análise teórica e de interferência no cotidiano escolar, foi possível perceber a adequação da escola ao cumprimento das necessidades impostas pelo modo de produção capitalista, pelos princípios de eficiência e produtividade, onde a qualidade do trabalho é determinada em grande parte pela redução de custos, justificadas principalmente pela redução, ou até mesmo pela inexistência de um trabalho estético, artístico (com verbas destinadas a este fim), no interior da escola, articulada a uma proposta que contemple em sua materialidade e subjetividade a superação da alienação e a ruptura com a formação unilateral do homem, resistindo a políticas educacionais que visam unicamente o atendimento das demandas de mercado.

É assim que concebemos uma educação democrática para as classes trabalhadoras. A partir do princípio educativo do trabalho, uma educação que não abra mão da arte como parte integrante do processo educativo, fundamental para o acesso a cultura, para o alargamento da capacidade teórico-prática e para o domínio do conhecimento, necessários para o exercício da cidadania e para a realização humana. (TROJAN, 1.998, p.146)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa representa uma tentativa de transformar o cotidiano escolar, especificamente a organização estética do espaço físico, elemento indissociável de todo o trabalho pedagógico, tendo como horizonte o pleno desenvolvimento humano e, conseqüentemente, a formação social e histórica dos sentidos humanos, enriquecidos subjetivamente pela captação objetiva do espaço, em sua constituição estética.

Entretanto, as tentativas de transformação de uma determinada prática “são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.”(ADORNO, 1.995, p.183)

Toda transformação para que não seja apenas “discurso” e que realmente se efetive na realidade concreta, resulta de uma necessidade e depende de todas as pessoas envolvidas no processo.

Por isso, para que a mudança pretendida fosse realmente significativa para provocar mudanças no olhar e criar necessidade de mudar, possibilitando a formação dos sentidos humanos e, conseqüentemente, o desenvolvimento estético, realizou-se durante a pesquisa um trabalho intencional de intervenção no espaço.

Esta intervenção provocou nas pessoas envolvidas um novo modo de interação com o espaço, modificando a rotina do cotidiano escolar e agindo diretamente sobre a educação do olhar, entretanto, para que a escola organize intencionalmente seu trabalho pedagógico voltado à formação dos sentidos é necessário ir além da simples reorganização estética do espaço físico, embora esta seja de fundamental importância neste processo.

Esta pesquisa, em todo o seu percurso de coleta e análise de dados, conseguiu apontar à necessidade da participação plena e intencional de todos os alunos nos aspectos que envolvem o desenvolvimento da dimensão estética, pois enquanto não forjarem objetivamente as marcas de sua subjetividade não estarão modificando-a qualitativamente, nem enriquecendo-a por meio do trabalho criador.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa demonstraram que a condição de observadores, espectadores, não possibilitou aos alunos uma formação capaz de provocar mudanças estéticas significativas, capaz de materializar um conhecimento captado pelo olhar. Embora a educação do olhar represente fator essencial no e para o desenvolvimento estético é imprescindível uma formação mais ampla, que constitua-se objetivamente na rotina do trabalho pedagógico e esteja intencionalmente presente na ação de todos os sujeitos que dela participam.

Estas relações explicitaram-se na mudança que instaurou-se na composição do espaço físico da sala de aula do grupo que teve participação direta na intervenção do espaço, discutindo, planejando e avaliando. A preocupação estética gerada com estas mudanças generalizou-se para outras instâncias do trabalho pedagógico: confecção de cartazes, produção de material a ser reproduzido para os alunos, preocupação com a exposição de trabalhos (local, tempo de permanência, trocas, relação figura/fundo, cor, tamanho,...); sendo que a maior dificuldade encontrada neste processo foi a falta de conhecimento dos professores sobre a estética e sua importância à formação humana.

Sendo assim, para que a escola cumpra seu papel no desenvolvimento pleno dos educandos, incluindo a dimensão estética na formação dos sentidos verdadeiramente humanos, é necessário, repito, ir muito além da reorganização física do espaço, é preciso melhorar qualitativamente o cotidiano escolar, não limitando-o à educação do olhar, mas de todos os sentidos humanos, além de um programa permanente de qualificação de professores e demais funcionários, pois é tarefa impossível ensinar e desenvolver aquilo de que se carece.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de determinadas necessidades está articulado com o desenvolvimento de determinadas capacidades e sentidos próprios para a sua satisfação, exigindo, assim, a formação dos sentidos humanos em toda sua plenitude, sem restringir-se às demandas do mercado e a estética televisiva, marcas cristalizadas da indústria cultural.

...ao impedir que o homem se aproprie do objeto humanamente, como homem total., não como um ser abstrato e mutilado, a relação de posse fecha as portas ao gozo estético, à atitude estética. Por outro lado, quanto mais elevado for o valor estético do objeto, isto é, quanto mais rico em significações humanas e mais complexo e profundo for o mundo humano que se objetiva na obra de arte, tanto mais hostil ao objeto estético será a atividade utilitária. (VÁZQUEZ, 1.978, p.263)

Este distanciamento entre o objeto estético e a atividade imediatamente utilitária é que garante àquele uma apropriação plena de seus significados humanos, à satisfação de uma necessidade que confirma o homem como tal, pois na objetivação de um

trabalho criador, que transcende a posse privada e o utilitário imediato, o homem se enriquece subjetivamente pela capacidade de contemplação e gozo estético, e que envolve ainda, a arte e o seu ensino na escola básica. Pois, “gozar ou consumir um quadro [e poderíamos acrescentar qualquer objeto humano] é se apropriar de sua significação humana, de sua beleza, do conteúdo espiritual que, através de determinada forma, seu criador objetivou nele.” (VÁZQUEZ, 1.978, p.260)

Esta relação de distanciamento do imediatamente utilitário, que confirma a presença do homem em seu processo de constituição plenamente humana, que se dá na apropriação do objeto como obra humana, tornou-se explícita durante a interferência no e do espaço.

As crianças, ao chegarem na escola, dirigiam-se primeiramente ao mural, contemplavam as obras, discutiam, estabeleciam relações com o seu mundo (prática social) e com o trabalho de sala de aula, superavam o cotidiano imediato e faziam relações com o futuro, com seus sonhos de vida e de sociedade.

Ao observarem as obras de Van Gogh, duas crianças do ciclo I relembavam “O quarto” e teciam comentários sobre os seus quartos, como eram e como gostariam que fosse.

Eu durmo com a minha irmã e o meu irmão pequenininho, tem três camas lá, mas depois que eu crescer eu vou ter um quarto só pra mim, daí eu vou pintar de rosa e amarelo, vou encher de quadro e vou “ponhar” um computador e um cd. (Djenhiffer, ciclo I)

Além destas observações, também constatou-se que a parte do mural mais procurada pelas crianças, mais discutida, mais detalhada, mais contemplada, era a parte que destinava-se à **Arte**; a parte referente a **Trabalhos** despertavam algum interesse (principalmente de irmãos e colegas de alunos daquela turma que organizou o mural) e a parte reservada a **Informações** com notícias do bairro, veiculadas em jornal, foi desprezada pelo olhar das crianças.

A arte é trabalho, mas um trabalho verdadeiramente criador, na medida em que a capacidade de humanizar os objetos, de objetivação do homem neles, não tropeça com as limitações impostas no trabalho habitual por sua função utilitária. Sua utilidade é fundamentalmente espiritual; satisfaz à necessidade do homem de humanizar o mundo que lhe rodeia e de enriquecer com o objeto criado sua capacidade de comunicação. Nesse sentido, a arte é superior ao trabalho. O homem sente a necessidade de uma afirmação objetivada de si mesmo, que só pode encontrar na arte. (VÁZQUEZ, 1.978, p.205)

Desse modo, a arte enquanto capacidade de humanizar o mundo, humanizae e enriquecer a subjetividade humana, numa relação dialética, é fundamental para o homem reconhecer sua existência e se confirmar como tal, tornando-se indispensável em qualquer

espaço que tenha a pretensão de trabalhar com a formação humana, à qual não se completa sem a formação dos sentidos, que passa pela educação do olhar, pela capacidade de contemplação e gozo estético, que, em uma de suas instâncias é determinada pela organização do espaço físico.

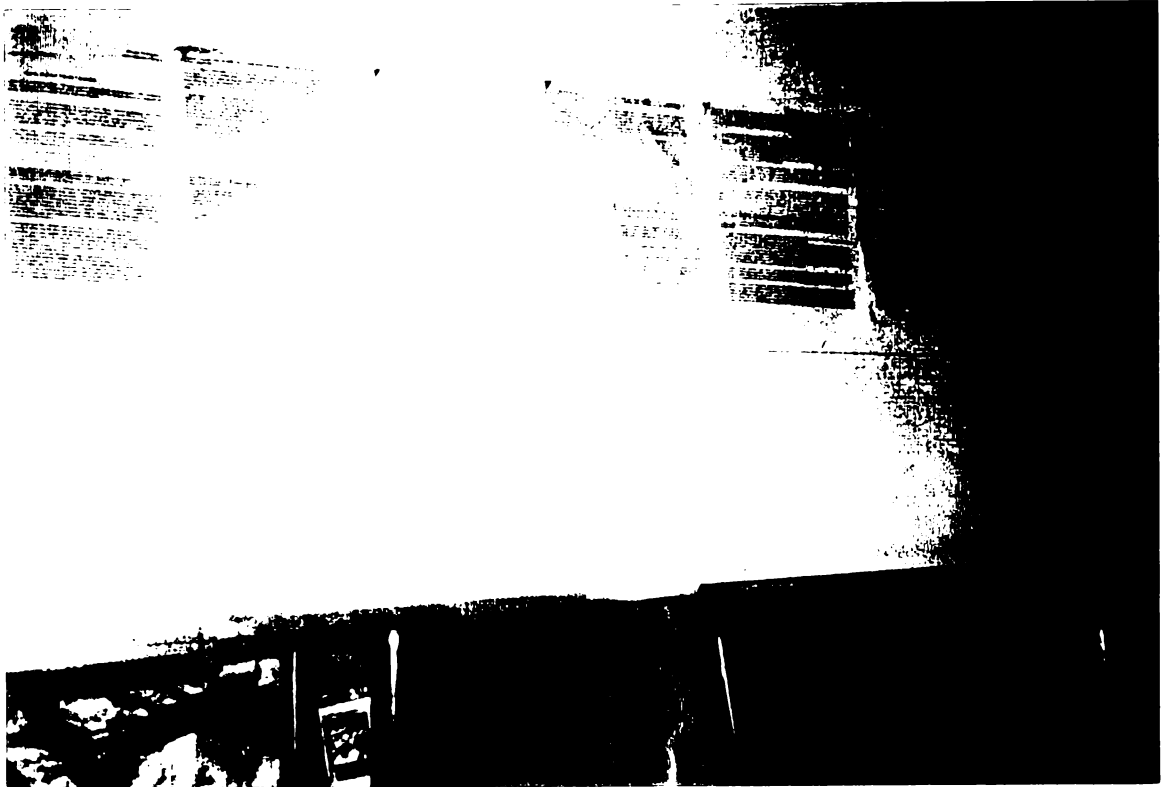
Em resumo: “analisamos a necessidade estética de humanizar e compreender a realidade, que tem como pressuposto o desenvolvimento de sentidos estéticos e a importância de uma prática pedagógica, que possibilite os conhecimentos necessários para esta formação.” (TROJAN, 1.998, p.233)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. **Teoria da Semicultura**, In: RAMOS DE OLIVEIRA, N. Theodor Adorno : Quatro textos clássicos. São Carlos, publicação interna, UFSCar, 1.992.
- CANCLINI, N. G. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1.984.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1.992.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.985.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.976.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 4ed. São Paulo: Nova Cultural, 1.987. (Os pensadores)
- PORCHER, L. (org.) **Educação Artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1.977.
- TROJAN, R. **M.O trabalho como categoria fundante da necessidade estética: reconstruindo a função educativa da arte**. Dissertação de Mestrado, Setor de Educação, UFPR, 1.998.
- VÁZQUEZ, A S. **As idéias estéticas de Marx**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.985.

ANEXOS

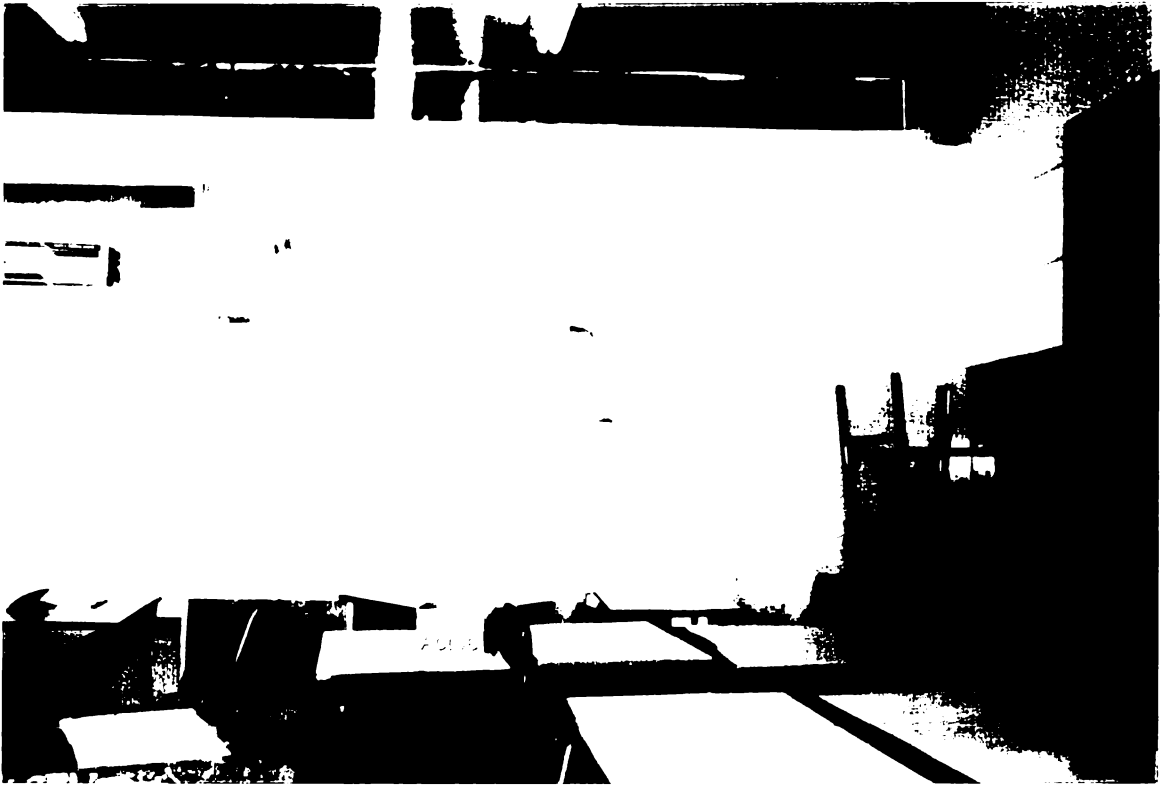
ANEXO 1



ANEXO 2



ANEXO 3



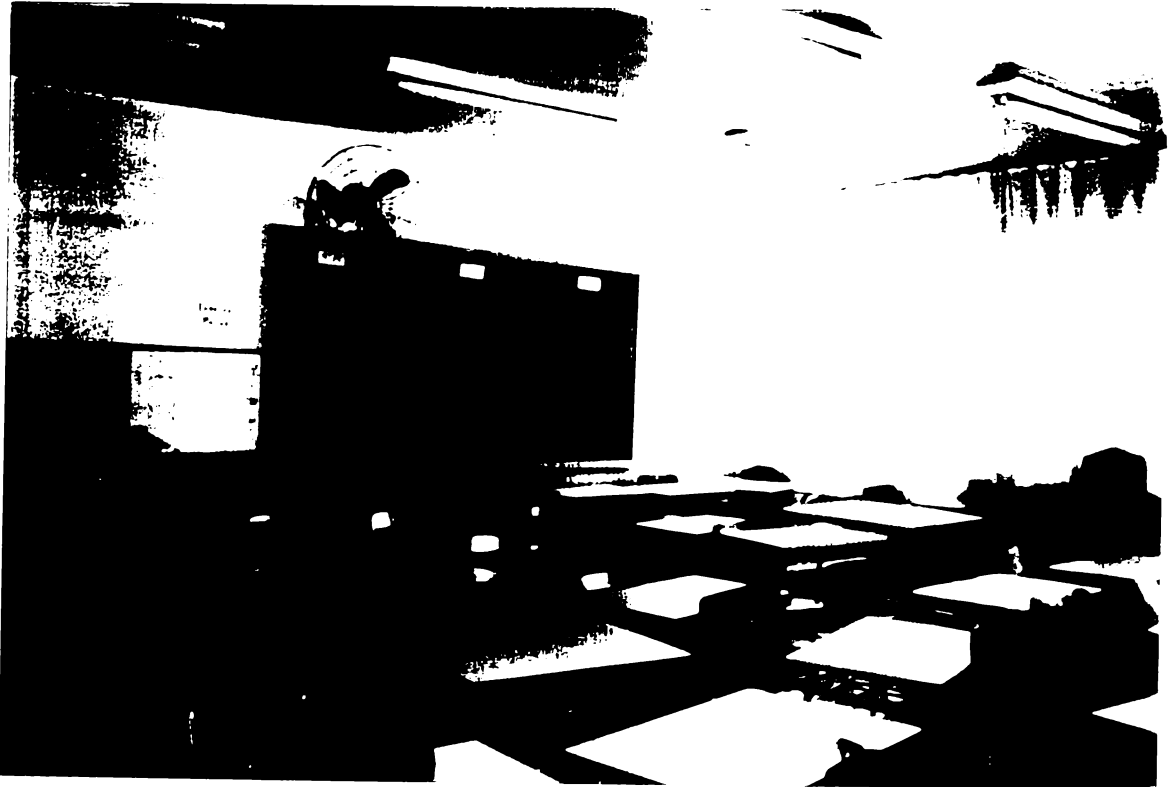
ANEXO 4



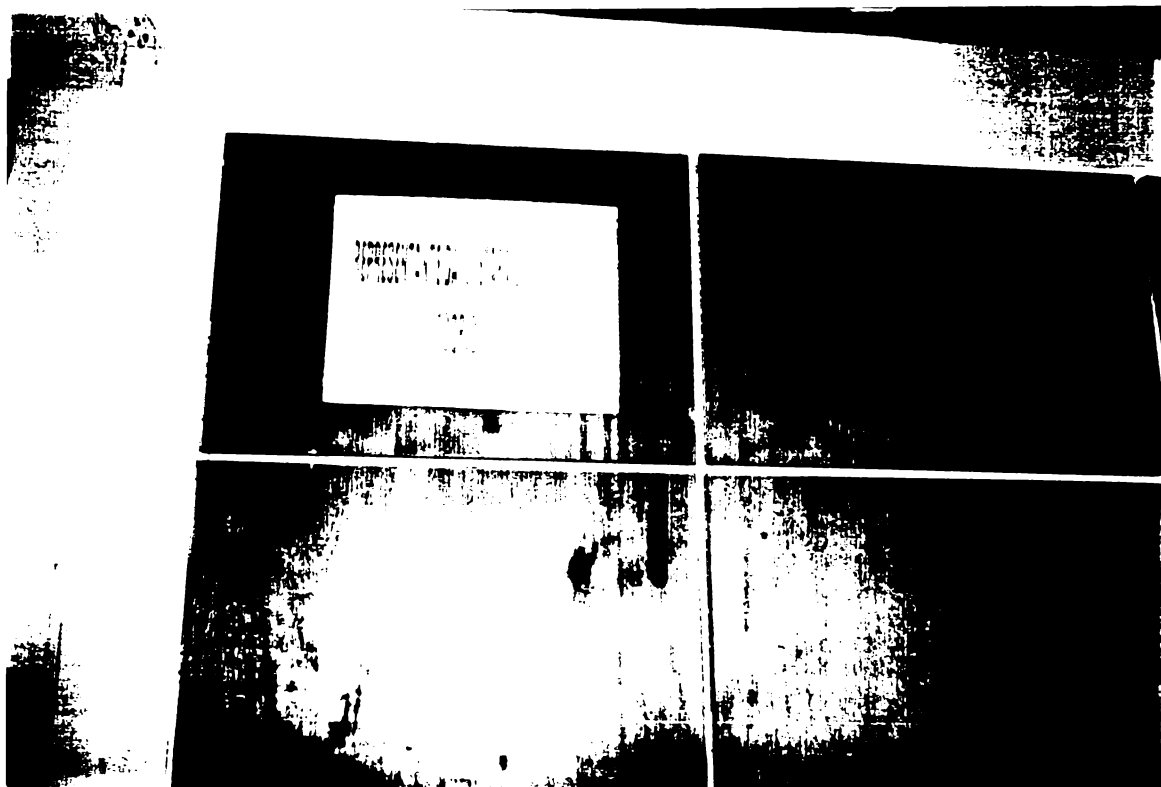
ANEXO 5



ANEXO 6



ANEXO 7



ANEXO 8



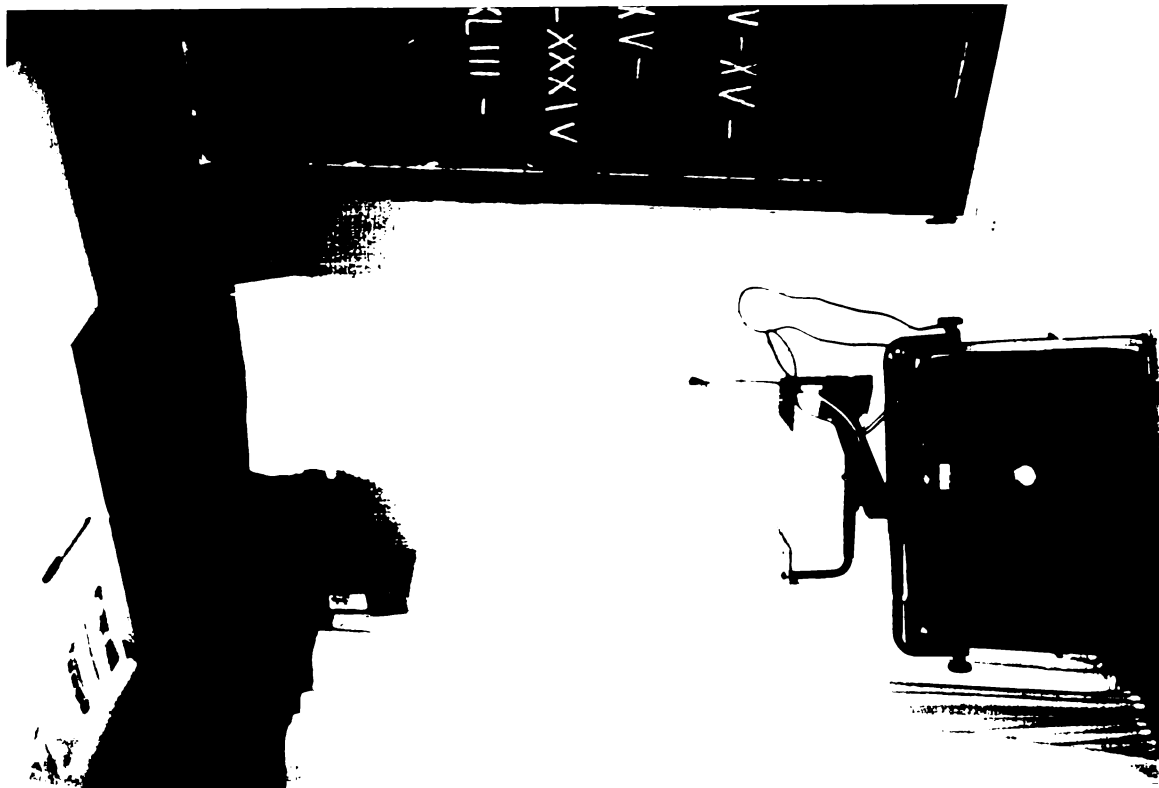
ANEXO 9



ANEXO 10



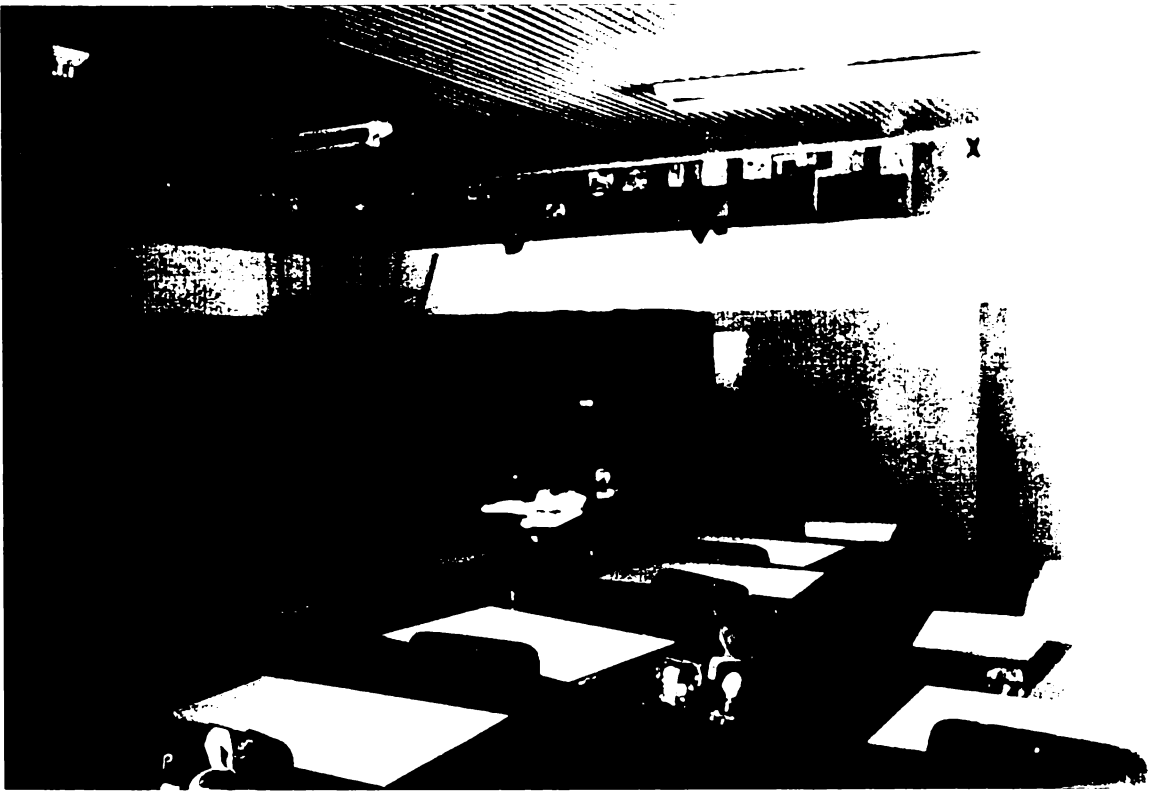
ANEXO 11



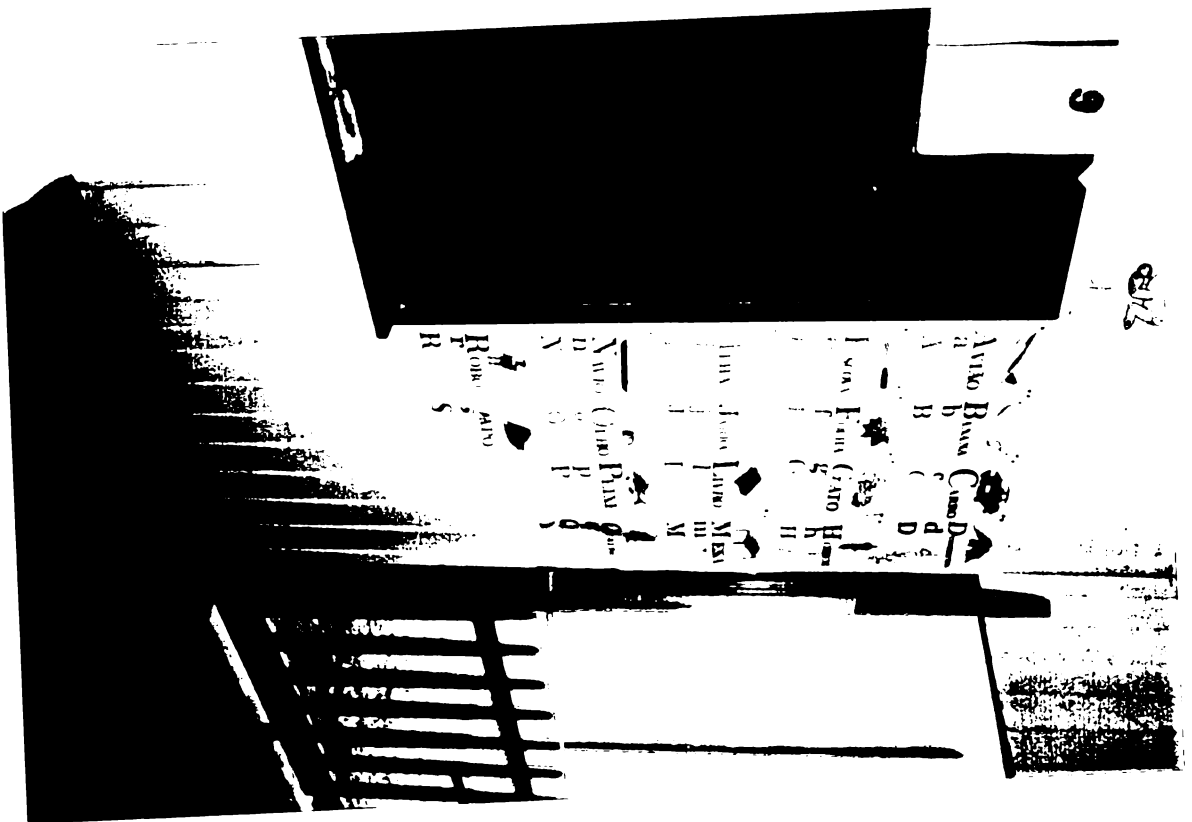
ANEXO 12



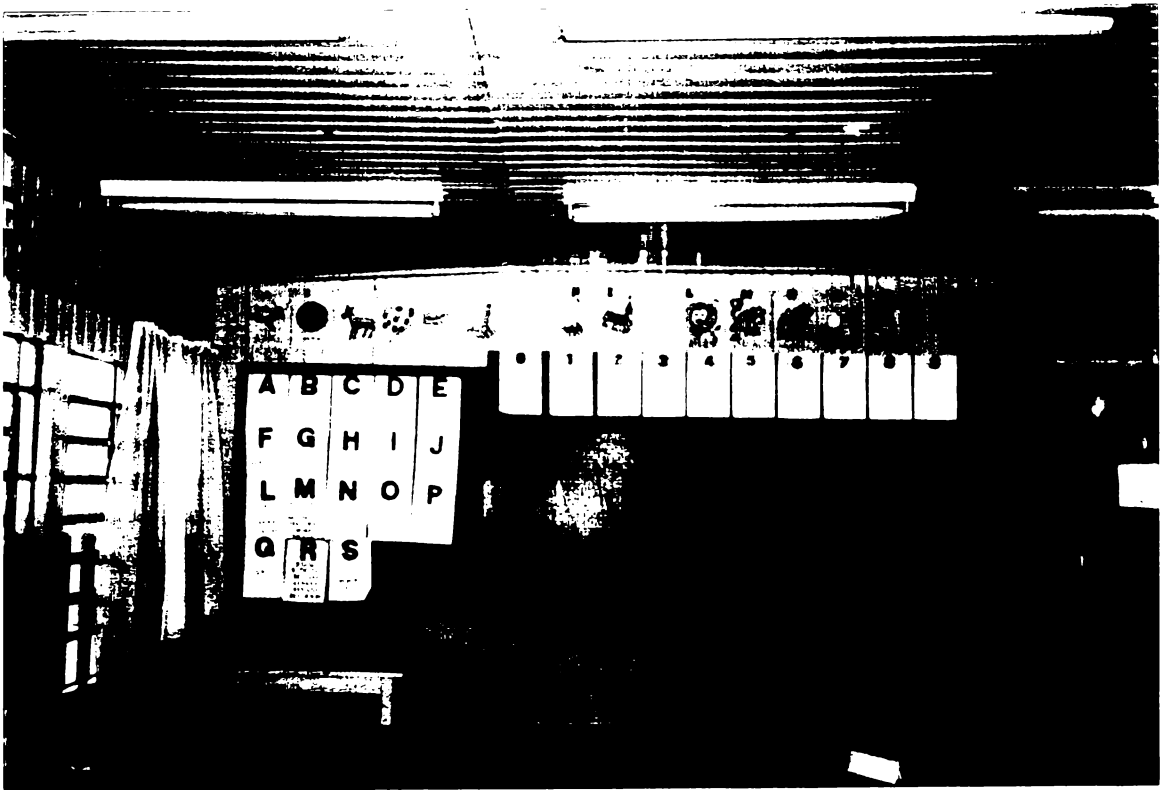
ANEXO 13



ANEXO 14



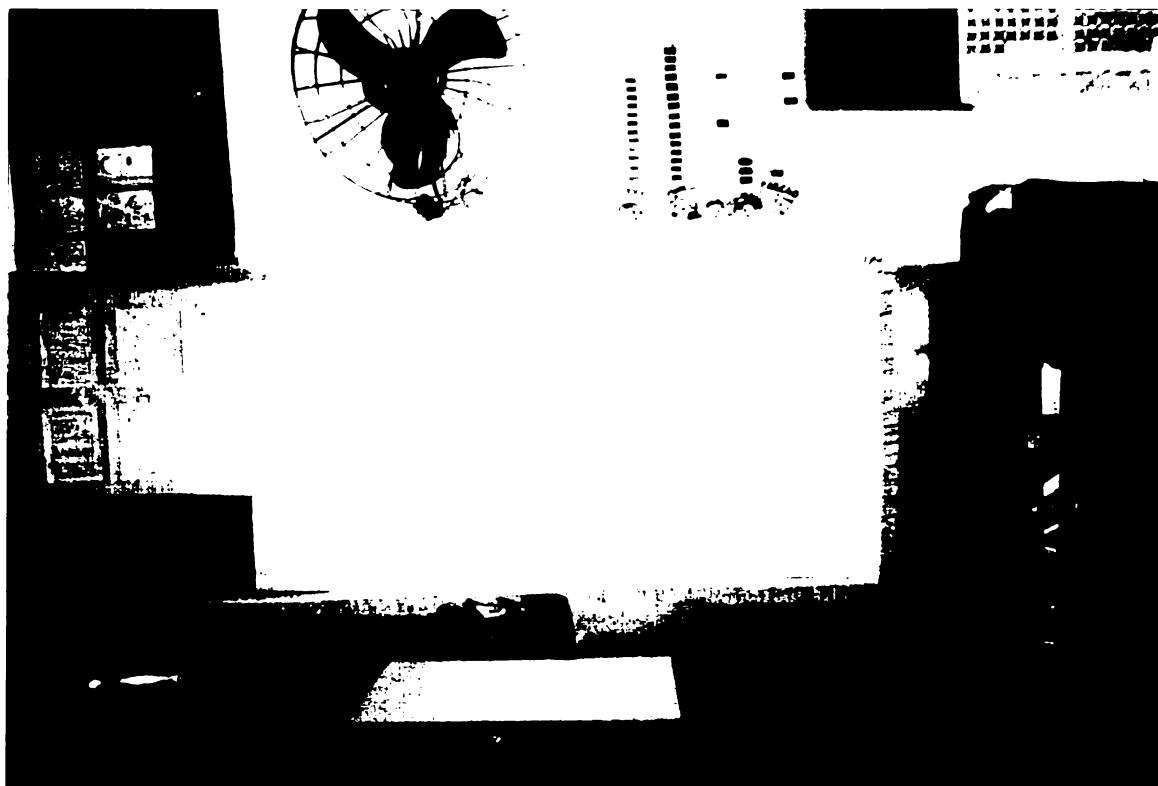
ANEXO 15



ANEXO 16



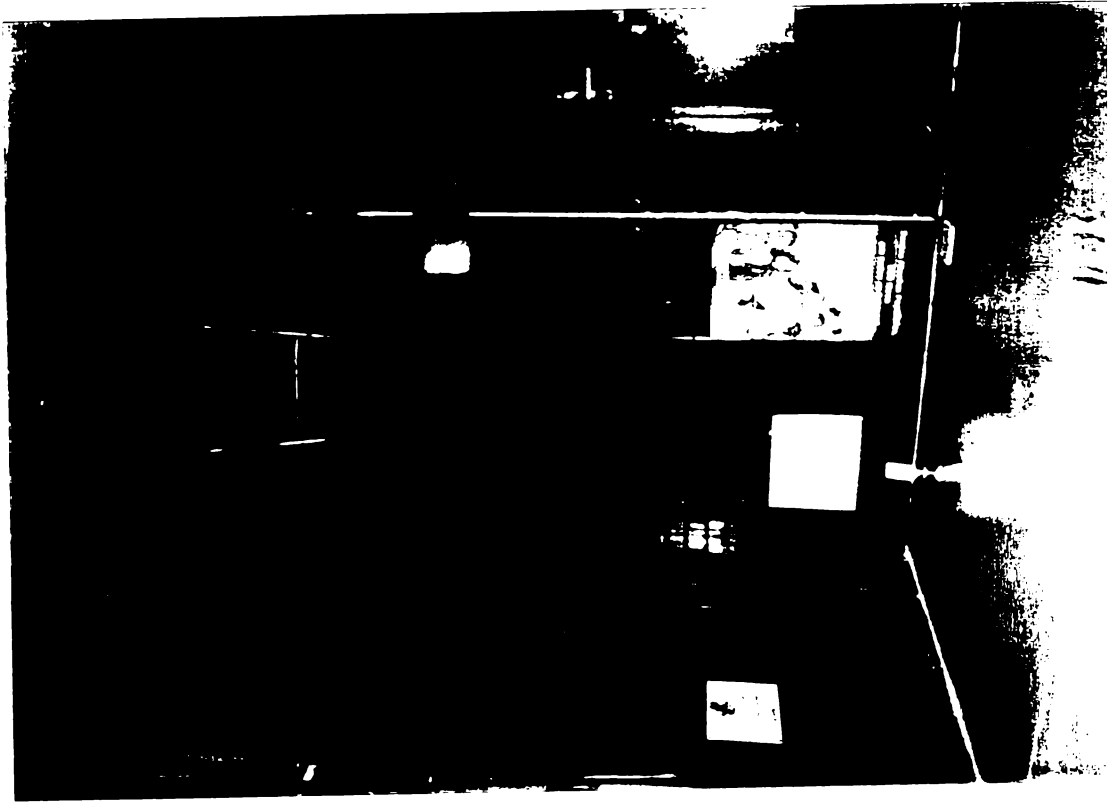
ANEXO 17



ANEXO 18



ANEXO 19



ANEXO 20



ANEXO 21



ANEXO 22



ANEXO 23



ANEXO 24



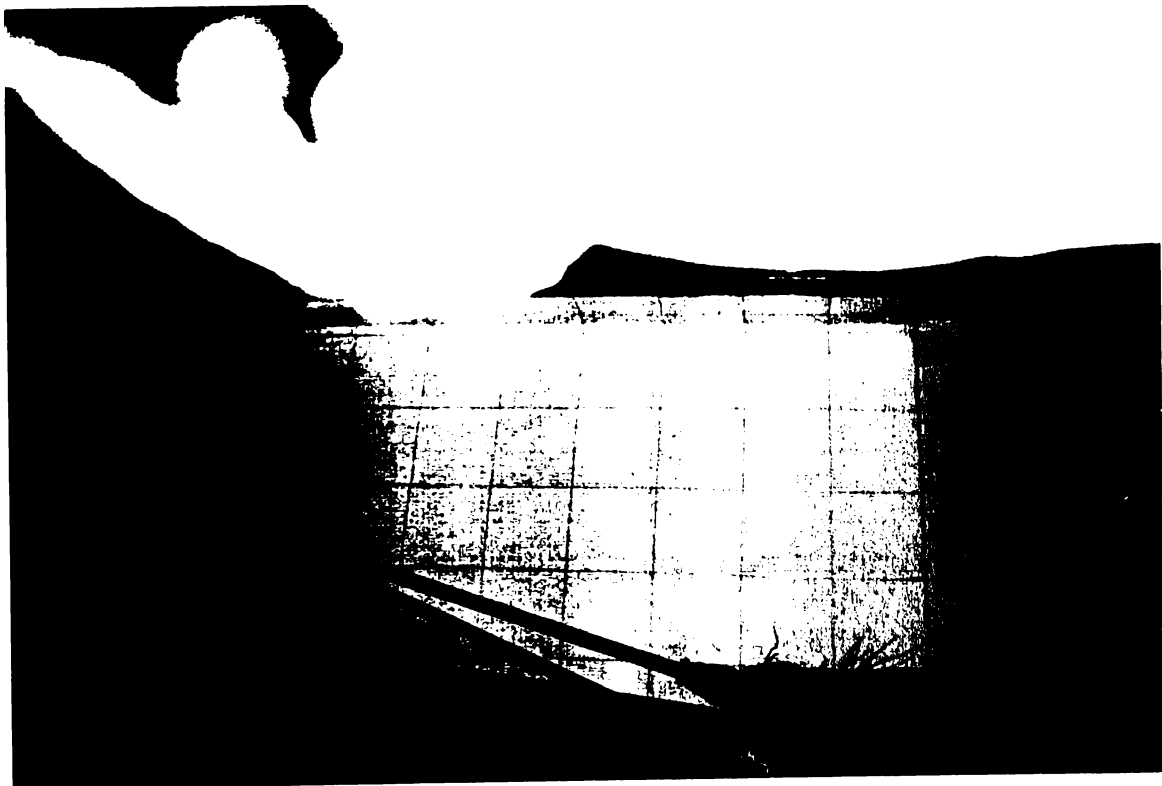
ANEXO 25



ANEXO 26



ANEXO 27



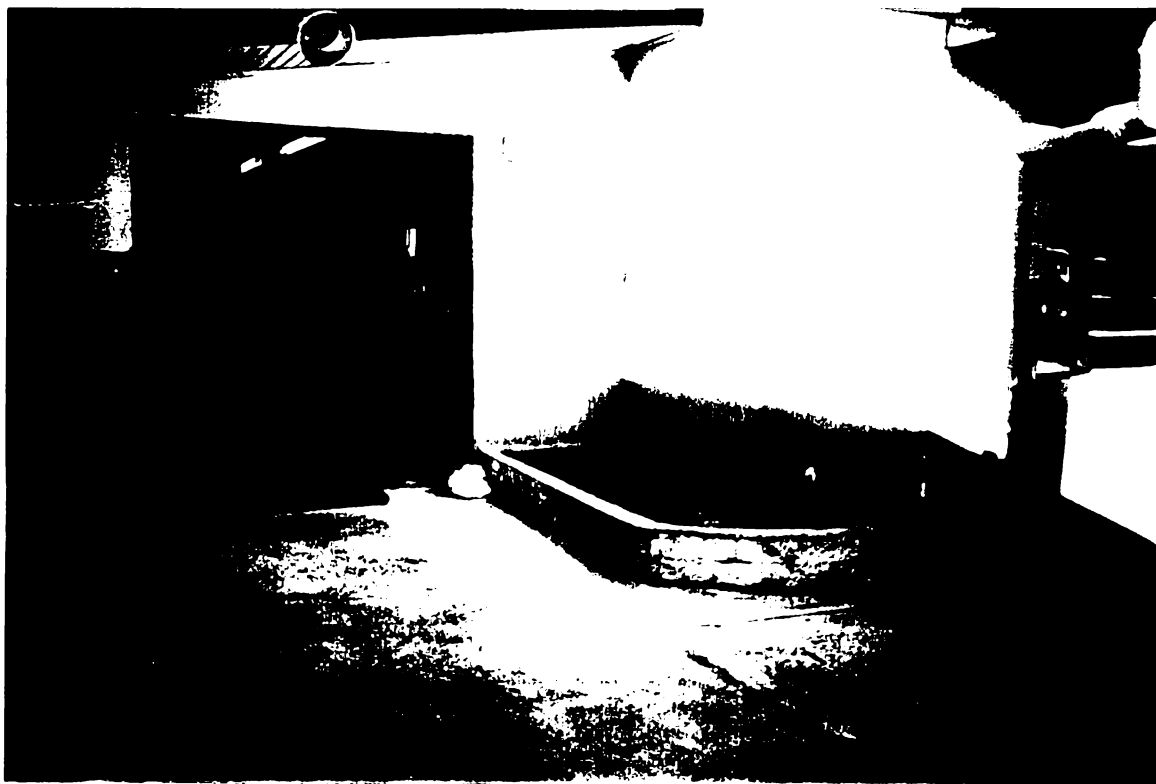
ANEXO 28



ANEXO 29



ANEXO 30



ANEXO 31



ANEXO 32



ANEXO 33



ANEXO 34

